

Apresentação do Módulo Impresso Cara Professora/ Caro Professor

É com grande satisfação que apresentamos o primeiro módulo desta série sobre o **Material Impresso** no âmbito do **Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação**, da Secretaria de Educação a Distância do MEC.

Este é o módulo inicial da Mídia Material Impresso, introduzindo os temas relacionados ao uso didático do material impresso. Sua duração será de 15 horas, o que corresponde a 5 horas de estudo por semana, aproximadamente.

O módulo que vocês irão estudar nesta fase é constituído de duas etapas:

Etapa 1 – Do Impresso às Hiperímia Etapa 2 – Mídias Impressas na Sala de Aula

Na etapa 1 – Do Impresso à Hiperímia - estudaremos o histórico da escrita, desde os manuscritos até chegarmos, com a invenção da imprensa por Gutenberg (séc. XV), aos primeiros impressos. Abordaremos os impressos em tempos audiovisuais e na era da informática: da linearidade à hipertextualidade. A criação do texto e a construção de conhecimento na Internet, as diferentes formas de apresentação do texto no formato digital e o trabalho com a mídia impressa utilizando recursos audiovisuais e hipertextuais.

Na etapa 2 - Mídias Impressas na Sala de Aula - trabalharemos com os diversos materiais impressos disponíveis ou acessíveis aos professores no trabalho pedagógico: Livros Didáticos e Paradidáticos, Enciclopédias, Jornais, Propaganda, Histórias em Quadrinhos, Cordel, Revistas (Impressas e Online), Mapas e Projetos Integrando Mídias.

Cada um destes materiais será contemplado de forma mais aprofundada nos módulos referentes a esta mídia, que serão disponibilizados nas próximas etapas do curso.

A idéia central deste módulo é mostrar que o material impresso é uma das mídias com maior presença em todos os contextos de aprendizagem e passa a englobar todos os textos escritos presentes em materiais físicos, como caderno, livros, até a transposição para os contextos digitais e virtuais, passando a compor um hipertexto e hiperímias, quando incorpora, além do texto, outras mídias, como vídeo, imagens e sons.

Aprender a utilizar o material impresso como elemento integrado ao cotidiano escolar e a outras mídias é o nosso propósito, ao oferecermos uma reflexão e uma abordagem didático-pedagógica sobre as diversas formas de sua utilização hoje disponíveis.

Nesse sentido, este módulo trata dos aspectos conceituais básicos para a compreensão do papel dos impressos na educação e a possibilidade da utilização da linguagem do texto impresso e do hipertexto, auxiliando o professor no processo de utilização destes materiais como meio de expressão e de reflexão sobre sua função social.

Ao final deste módulo, além de haver construído uma visão panorâmica sobre como os impressos chegaram à nossa prática de sala de aula, você terá analisado os diferentes tipos de materiais impressos cujo conhecimento será aprofundado ao longo dos diversos módulos desta mídia.

Bom estudo!

Veja o vídeo de apresentação: [Clique aqui](#)

**Luís Paulo Leopoldo Mercado – UFAL
Coordenação Mídia Material Impresso**



METODOLOGIA DE TRABALHO DO MÓDULO MATERIAL IMPRESSO

Instrução ao Cursista

O Módulo Básico da Mídia Material Impresso do Curso de Formação Continuada em Mídias na Educação da SEED/MEC é composto por duas etapas:



Etapa 1 – Do Impresso à Hipermídia

Na primeira parte estudaremos o histórico da escrita, desde os manuscritos até chegarmos, com a invenção da imprensa por Gutenberg (séc. XV), aos primeiros impressos. Abordaremos os impressos em tempos audiovisuais e na era da informática: da linearidade à hipertextualidade. A criação do texto e a construção de conhecimento na Internet, as diferentes formas de apresentação do texto no formato digital e o trabalho com impressos utilizando mídias audiovisuais e hipertextuais.

Os objetivos desta etapa são:

- Contextualizar historicamente o surgimento e a utilização dos diferentes textos na sala de aula.
- Discutir o papel dos impressos e sua integração com outras mídias na prática pedagógica;
- Caracterizar as diferentes apresentações de textos no formato escrito, impresso e digital;
- Analisar as possibilidades de trabalho com impressos utilizando mídias audiovisuais e hipertextuais.



Etapa 2 – Mídia Impressa na Sala de Aula

Na segunda etapa abordaremos os diversos materiais impressos disponíveis ou acessíveis aos professores no seu trabalho pedagógico. Cada um destes materiais será contemplado de forma mais aprofundada nos módulos referentes a esta mídia, que serão disponibilizados nas próximas etapas do curso.

Os objetivos desta etapa são:

- Discutir a utilização pedagógica do material impresso;
- Analisar a influência dos diversos textos escolares na aprendizagem e prática docente;
- Caracterizar os diferentes materiais impressos nas atividades educacionais.
- Avaliar as mídias impressas disponíveis e acessíveis aos professores no trabalho pedagógico em sala de aula.

Integração de Mídias

As páginas do curso, além dos textos e imagens, compreendem gravação em vídeo que, ao ser clicado, é "carregado" durante algum tempo.

O conteúdo das páginas da internet encontra-se disponível em documentos no formato PDF, abertos pelo programa gratuito Acrobat Reader. Os conteúdos do vídeo foram transcritos de modo a facilitar a acessibilidade do material do curso. As transcrições também se encontram na versão em PDF.

O acesso aos PDF do curso se dá pelo ícone que se encontra ao longo do texto e próximo aos links dos vídeos. O conteúdo da etapa está inserido em cada um dos documentos referentes a tais etapas, para facilitar o processo de consulta e download. Os PDF poderão ser salvos pelo usuário em seu computador ou disquete/CD para leitura em momento posterior.

Navegação entre páginas

O acesso aos conteúdos do curso pode ocorrer por diferentes métodos. Desde o mais básico, com o uso do menu lateral com as Etapas e tópicos, até uma navegação "contínua", página a página. Isso poderá ser feito tanto pelos botões que se encontram no final da página, de avançar ou início, ou clicando no item assuntos da aba superior da etapa.

Carga Horária e Avaliação

Este módulo equivale a 15h de formação a distância. A sua avaliação como participante deste programa Mídias na Educação será continuada e acompanhará o seu processo de estudo junto a sua turma. Seu desempenho será considerado em relação ao grupo do qual você faz parte, a partir das interações realizadas em fóruns, diário de bordo e biblioteca. A menção final é o resultado da avaliação que o tutor fará do aproveitamento do aluno, considerando os seguintes instrumentos de avaliação:

- trabalhos individuais (produção de textos, pesquisas e reflexões no diário de bordo);
- participação nas discussões e sessões de interação assíncrona nos fóruns de discussão e na biblioteca do aluno;
- produção do trabalho final do módulo e sua inserção na biblioteca.

As participações nas discussões desenvolvidas nos diversos ambientes do curso são registradas e quantificadas no ambiente e-Proinfo. O tutor irá considerá-las não apenas quantitativamente, mas também pela qualidade das interações, das idéias e opiniões do aluno. Esses dados o auxiliarão na composição do perfil do aprendiz e composição do conceito final. O E-Proinfo guarda registro de todas as participações de tutores e alunos, em todas as sessões, que podem servir como parâmetro para o acompanhamento pedagógico e a orientação acadêmica da participação dos alunos e de seu processo de aprendizagem.

Introdução – Etapa 1

Nesta primeira parte estudaremos o histórico da escrita, desde os manuscritos até chegarmos, com a invenção da imprensa por Gutenberg (séc. XV), aos primeiros impressos. Abordaremos os impressos em tempos audiovisuais e na era da informática: da linearidade à hipertextualidade. A criação do texto e a construção de conhecimento na Internet, as diferentes formas de apresentação do texto no formato digital e o trabalho com a mídia impressa utilizando recursos audiovisuais e hipertextuais.

Os objetivos desta etapa são:

- Contextualizar historicamente o surgimento e a utilização dos diferentes textos na sala de aula;
- Discutir o papel dos impressos e sua integração com outras mídias na prática pedagógica;
- Caracterizar as diferentes apresentações de textos no formato escrito, impresso e digital;
- Analisar as possibilidades de trabalho com impressos utilizando mídias audiovisuais e hipertextuais.

Clique em [assuntos](#) para começar a estudar. Bom Proveito!

A História da Escrita (1 de 4)

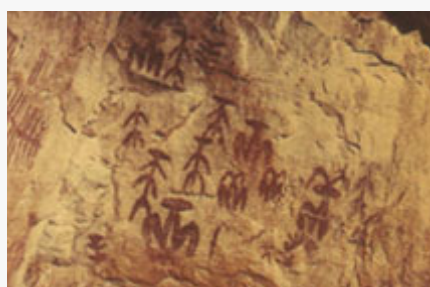
A necessidade de registrar os acontecimentos surgiu com o homem primitivo no tempo das cavernas, quando este começou a gravar imagens nas paredes.

Durante milhares de anos os homens sentiram a necessidade de registrar as informações e construíram progressivamente sistemas de representação. Desenvolvida também para guardar os registros de contas e trocas comerciais, a escrita tornou-se um instrumento de valor inestimável para a difusão de idéias e informações. Foi na Antiga Mesopotâmia, há cerca de 6 mil anos atrás, que se desenvolveu a escrita ideográfica, um dos inventos na progressão até a escrita alfabética, agora usada mundialmente.

Em época bastante remota, homens e mulheres utilizam figuras para representar cada objeto. Esta forma de expressão é chamada pictográfica. A fase pictórica apresenta uma escrita bem simplificada dos objetos da realidade, por meio de desenhos que podem ser vistos nas inscrições astecas presentes em cavernas, ou nas inscrições de cavernas do noroeste do Brasil.



Escrita Pictográfica



Escrita Pictográfica



Escrita Ideográfica

Após, surgiu a escrita **ideográfica**, que não utilizava apenas rabiscos e figuras associados à imagem que se queria registrar, mas sim uma imagem ou figura que representasse uma idéia, tornando-se posteriormente uma convenção de escrita. Os leitores dependiam do contexto e do senso comum para decifrar o significado. As letras do nosso alfabeto vieram desse tipo de evolução. Algumas escritas ideográficas mais conhecidas são os hieróglifos egípcios, as escritas sumérias, minóica e chinesa, da qual provém a escrita japonesa.

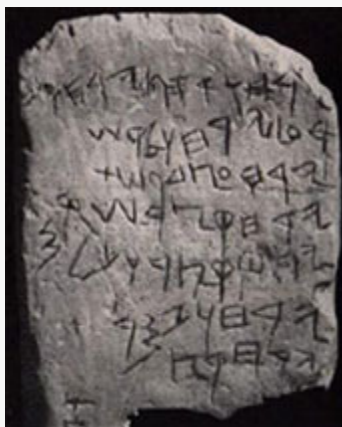
A História da Escrita (2 de 4)

Depois essa escrita passa a associar símbolos fonéticos, ainda sem nenhuma vogal, com os seus referentes: é a chamada escrita fonética.



Primeiro surgiram os **silabários**, conjunto de sinais específicos para representar as sílabas, isto é, os sinais representavam sílabas inteiras em vez de letras individuais. Os fenícios inventaram um sistema reduzido de caracteres que representavam o som consonantal, característica das línguas semíticas encontrada hoje na escrita árabe e hebraica.

Escrita Alfabética



Em seguida, os gregos adaptaram o sistema de escrita fenícia agregando as vogais e criando assim a **escrita alfabética**. (Alfabeto, palavra derivada de *alfa* e *beta*, as duas primeiras letras do alfabeto grego.)

Posteriormente, a escrita grega foi adaptada pelos romanos, constituindo-se o **sistema alfabético greco-romano**, que deu origem ao nosso alfabeto. Esse sistema representa o menor inventário de símbolos que permite a maior possibilidade combinatória de caracteres, isto é, representação dos sons da fala em unidades menores que a sílaba.

Além da forma, a direção da escrita também é vista como elemento diferenciador de sistemas de escrita. Os chineses e japoneses escrevem da direita para a esquerda e em colunas. Os árabes escrevem também da direita para a esquerda, mas em linhas de cima para baixo. O grego antigo era escrito em linhas com direção alternada: uma linha da direita para a esquerda e a linha seguinte da esquerda para a direita, invertendo a direção das letras; a terceira linha equivalia à primeira e a quarta à segunda e assim sucessivamente. Esse método é chamado de *boustrophedon*, uma palavra grega que significa "da maneira como o boi ara o campo". Os romanos instituíram a escrita da esquerda para a direita em linhas, que vigora até os dias de hoje no nosso sistema alfabético.

A escrita é um método de registrar a memória cultural, política, artística, religiosa e social de um povo. Instrumentaliza a reflexão, a expressão e a transmissão de informações, entre outras necessidades sociais. Nesse sentido, a invenção do livro, sobretudo da imprensa, são marcos na História da humanidade, passando a informação do domínio de poucos para o do público em geral.

A escrita também mudou de outras maneiras, além da grafia, pois os materiais exigiam abordagens diferenciadas. Os primeiros livros surgiram há cinco mil anos e eram feitos de barro, como se fossem pequenas lajotas. Eles foram encontrados na Mesopotâmia e tiveram formas variadas: eram quadrados, redondos, ovais ou retangulares e eram numerados para facilitar a consulta.

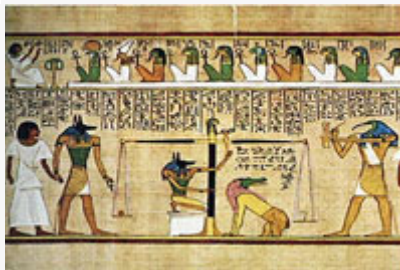
Os livros surgiram a partir da invenção da escrita. Cada povo escrevia seus livros em materiais variados, conforme a disponibilidade. Quando se escrevia em materiais rígidos (barro, madeira, metal, osso, bambu), os livros eram feitos de lâminas ou placas separadas. Quando se escrevia em materiais flexíveis (tecido, papiro, couro, entrecasca de árvores), eram feitos em dobras e rolos.

A História da Escrita (3 de 4)



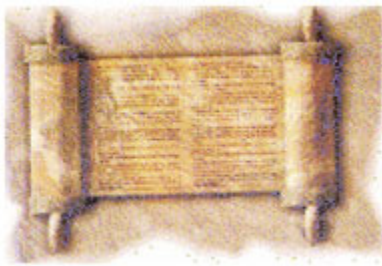
Livro em Bambu

Os chineses utilizavam tiras de **bambu** como material para escrita. As tiras eram obtidas do caule da planta, raspadas internamente e colocadas para secar. Depois, para formar o livro, as fichas eram furadas nas extremidades e unidas por fios de seda.



Papiro

Apesar de o bambu haver sido usado antes dos papiros, a evolução da escrita está intimamente ligada à utilização do **papiro** pelos escribas. As folhas de papiro escritas eram emendadas e formavam rolos. Os rolos de papiro, criados pelos egípcios, eram chamados **Volumem** (rolos). O volumem dificultava a leitura, pois o leitor tinha de mantê-lo aberto, utilizando as duas mãos. O título do livro era escrito no final do rolo.



Pergaminho

O **pergaminho**, um outro tipo de suporte à escrita, é obtido a partir do couro cru esticado. Era um material mais resistente, fino e durável que o papiro, além de permitir a escrita em suas duas faces. Lavado ou lixado, permitia escrever diversas vezes.

Foi o pergaminho que possibilitou o desenvolvimento do **codex** (ancestral do livro contemporâneo), por meio da costura pelo vinco, sem que as folhas se rasgassem ou se desgastassem pelo manuseio. Assim, os manuscritos foram evoluindo e desenvolvendo novos suportes, até chegarem ao papel tal qual hoje o conhecemos.

A História da Escrita (4 de 4)

Os primeiros manuscritos eram feitos pelos escribas. O escriba ocupava uma posição de destaque na civilização, passava por um aprendizado básico em escolas e freqüentava cursos superiores. No Egito, era o elo de comunicação entre os faraós, os sacerdotes e o povo. Durante a Idade Média os escribas tornaram-se fonte de referência das leis e doutrinas que regiam a época.

Os manuscritos produzidos pelos escribas e copiados pelos copistas eram guardados em bibliotecas nos mosteiros ou em outros estabelecimentos eclesiásticos, aos quais somente a Igreja e os reis tinham acesso, o que assegurava à Igreja o monopólio quase integral do livro e da informação. As principais atividades dos copistas eram copiar e multiplicar os textos, assim como encadernar e organizar os livros manuscritos.

O esforço para multiplicar o livro durou séculos. Desde os copistas da Idade Média até o surgimento da imprensa mantinham-se as mesmas preocupações: o uso da mesma caligrafia para que um pedaço de um livro não ficasse diferente do outro e a possibilidade de expansão dos conhecimentos.

Esses pressupostos contribuíram para que em 1450, na Alemanha, Gutenberg inventasse a imprensa. Com a invenção dos caracteres móveis e da tipografia foi possível a reprodução ilimitada de textos e imagens idênticos. Em vários pontos do mundo, diferentes pessoas podiam ler as mesmas informações, graças ao processo de impressão. A partir dessa invenção foi aberto o caminho para a popularização do livro, para o desenvolvimento da imprensa e para a democratização da educação.

A criação de Gutenberg veio garantir de modo irreversível a leitura individual e silenciosa. No que diz respeito ao leitor, pode-se dizer que ele passa a contar com uma série de vantagens como: a separação das palavras, a paragrafação, a numeração e a titulação de capítulos. De um leitor intensivo que dispunha apenas de um mínimo de diversidade de livros, vemos hoje um leitor potencialmente extensivo e autônomo, que dispõe de uma variedade de títulos para se apropriar, comparar e criar novos textos, a partir dos próprios comentários e das próprias reflexões.

Vídeo 1 - A EVOLUÇÃO DA ESCRITA: DO PICTOGRAMA AO TEXTO DIGITAL

Neste vídeo, apresentaremos a evolução da linguagem humana e as formas de registros que os nossos antepassados usavam como a tradição oral e, sobretudo, a escrita. Iremos conhecer os caminhos pelos quais a humanidade passou na formulação dos processos de escrita e leitura.

A Escrita e o Surgimento do Alfabeto

No início, a escrita era feita através de desenhos: uma imagem estilizada de um objeto significava o próprio objeto. O resultado era uma escrita complexa (havia pelo menos 2.000 sinais) e seu uso era bastante complicado. Essa escrita, na forma de desenhos, se chamava **pictográfica**. Os sinais tornaram-se gradativamente mais abstratos, tornando o processo de escrever mais objetivo.

O sistema pictográfico evoluiu para uma forma escrita totalmente abstrata, composta de uma série de marcas na forma de cunhas e com um número muito menor de caracteres.

Esta forma de escrita ficou conhecida como cuneiforme (do grego, em forma de cunha) e era escrita em tabletes de argila molhada, usando-se uma espécie de caneta de madeira com a ponta na forma de cunha. Quando os tabletes endureciam, forneciam um meio quase indestrutível de armazenamento de informações.

A escrita cuneiforme era composta de aproximadamente 600 símbolos, distribuídos de cima para baixo e da direita para a esquerda.

A escrita cuneiforme foi usada para a forma escrita das línguas da Assíria e Babilônia, línguas bastante diferentes da sumeriana. Embora a escrita cuneiforme fosse muito menos adaptada à estas línguas, a escrita foi amplamente usada no Oriente Médio, numa vasta gama de documentos, desde registros comerciais até cartas de reis.

A escrita cuneiforme evoluiu para a escrita **ideográfica** não utilizava apenas rabiscos e figuras associados à imagem que se queria registrar, mas sim uma imagem ou figura que representasse uma idéia, tornando-se posteriormente uma convenção de escrita. Os leitores dependiam do contexto e do senso comum para decifrar o significado. As letras do nosso alfabeto vieram desse tipo de evolução. Algumas escritas ideográficas mais conhecidas são os hieroglíficos egípcios, as escritas sumérias, minóica e chinesa, da qual provém a escrita japonesa.

A escrita **alfabética** apesar de ter sua origem nos ideogramas perde seu valor ideográfico e assume a função de representação fonográfica, passando por inúmeras transformações.

Primeiro surgiram os **silabários**, conjunto de sinais específicos para representar as sílabas, isto é, os sinais representavam sílabas inteiras em vez de letras individuais. Os fenícios inventaram um sistema reduzido de caracteres que representavam o som consonantal, característica das línguas semíticas encontrada hoje na escrita árabe e hebraica.

Mais tarde, por questão de facilidade, dado ao tamanho das peças que serviam para escrita, os escribas, homens letrados vindos das classes populares livres ou escravas, responsáveis pela escrita dos textos que circulavam entre a nobreza e aristocracia, passaram a escrever, buscando uma convenção de forma e direção, da esquerda para a direita, resultando na forma atual do sistema alfabético.

A inventividade dos escribas evidenciou-se na criação do sistema alfabético, no início do ano de 2000 a.C. A escrita alfabética tenta se aproximar da fonética e é representada por uma análise minuciosa dos sons silábicos, nos quais cada fonema corresponde a uma letra. Primeiramente, foi criada pelos fenícios, baseando-se numa análise consonantal composta por 22 signos e mais tarde foi aperfeiçoada e ampliada pelos gregos com a junção das vogais, estando agora formada por consoantes e vogais. O alfabeto passa a ser composto por 24 letras.

Com a transposição da escrita para os computadores, surge a **escrita eletrônica** presente nas mídias eletrônicas não se limita aos textos verbais, podendo os elementos de escrita serem palavras, imagens, sons, ações ou processos realizados por computador. Em vez de ler parágrafos, o leitor pode ver cenas em um vídeo, observar uma seqüência de fotografias, ouvir uma narração oral ou escutar um fragmento musical.

Leitores e Práticas de Leitura (1 de 1)

Historicamente podemos observar que, com a invenção da imprensa no final da Idade Média, a impressão de textos tornou-se mais acessível a muitas pessoas. Isto não significou, entretanto, que o acesso à leitura tenha se disseminado entre todos. Na realidade o processo de reprodução de textos e o acesso à leitura permaneceram restritos a poucos.

O hábito de ler sempre foi uma forma de preencher a solidão do ser humano. Antigamente, talvez, lia-se mais porque não havia tantos atrativos quanto hoje. O ser humano precisa conversar consigo, ter seu momento de recolhimento, reflexão, meditação, ou seja, voltar-se para dentro, e a leitura permite esse diálogo.

Na Idade Média a leitura era feita para grupos de ouvintes por um membro do clero ou nobreza – o lente – dada a escassez de manuscritos. A leitura permanecia restrita a grupos controlados pela elite, também porque o acesso ao conhecimento poderia subverter a ordem instituída.

A democratização da leitura só ocorreu com o advento da sociedade burguesa, quando maior parcela da população começou a ser alfabetizada e pôde ter acesso aos livros e a outros impressos. No século XVIII os intelectuais se reuniam para ler e discutir os textos em salões especialmente organizados e a leitura passa a ser vista como processo aglutinador de grupos e comunidades.

Esses rituais coletivos se alternavam no tempo e no espaço com a leitura individual. Na passagem do século XVIII para o XIX as elites econômicas e intelectuais começavam a reservar espaços para a leitura e a guarda de livros.

Atualmente, a leitura é vista como ato individual que mantém uma dimensão socializada/socializante, já que constitui uma inserção do sujeito numa prática presidida por relações interativas e produções de sentido das quais o leitor participa.

Soares (2000) destaca a leitura como um fator de ascensão social, ou seja, mecanismo para obtenção de melhores condições de vida e apresenta o termo leitura funcional, cujo significado é obter informações básicas para a vida cotidiana.

A leitura aparece como um direito e uma exigência que se faz a quem quer que pretenda se tornar um cidadão. É preciso que o professor compartilhe os segredos do texto com os alunos, abrindo-lhes condições para a verdadeira inserção social. A escola é um espaço para a prática da leitura, por meio da qual se pode analisar, discutir e refletir sobre os apelos da sociedade atual. É preciso ler o texto e ler o mundo nos textos.

Leitura ouvida, vista ou falada (1 de 1)

Na primeira metade do século XX, considerava-se o autor como dono absoluto dos sentidos propagados pelo texto, e ao leitor cabia detectar suas intenções (o que o autor diz?). Atualmente, o leitor é considerado, também, produtor de sentidos, relativizando os poderes autorais.

A leitura oral é feita não somente por quem lê, mas também pelos que “lêem” o texto ouvindo-o. Ouvir história é uma forma de leitura. Há diferença entre ouvir a fala e ouvir a leitura. A fala (ou o contar) é espontânea, ao passo que a leitura (ou o ler) é baseada num texto escrito, que tem características próprias diferentes da fala.

A leitura visual tem a vantagem de permitir uma velocidade de leitura maior, podendo parar quando quiser e recuperar passagens lidas, na busca da compreensão do texto, buscar a entonação e o ritmo ideal para o texto a ser lido, posteriormente, de forma oral e favorecer a reflexão sobre o texto.

Quem lê para outros ouvirem ou diz de cor um texto escrito precisa de uma leitura expressiva, em que os elementos supra-segmentais e pragmáticos (fonética, ritmo, entonação, volume e qualidade da voz, contexto sociointeracionista, conhecimento prévio, de mundo, lingüístico, estrutural) sejam realizados interpretativamente e de forma a agradar os ouvintes.

Os alunos precisam e devem saber que um texto pode ser lido de diversas maneiras, com muitas pronúncias, e que o dialeto muda conforme a época, a função e o destinatário. Em outras palavras, a leitura varia de acordo com o texto. Não se lê uma poesia como se lê um problema de matemática ou uma piada. A reflexão que o primeiro tipo de leitura exige é diferente da do segundo e do terceiro.

Uma forma de aprofundar a leitura é solicitar que cada aluno expresse o seu entendimento, confronte leituras, produza resumos, paráfrases ou paródias dos textos lidos.

Para saber mais!

Leia os textos **Ler e escrever na Cultura Digital** e **Muito Além da Internet**.

O livro como produto cultural e sua importância na nossa vida (1 de 1)

Vamos refletir sobre a importância do livro, o principal material impresso usado em sala de aula. No texto [A reinvenção da biblioteca](#), de Gilberto Dimenstein, publicado na Folha de São Paulo de 12/10/2005, e no texto [O fim do livro e a eternidade da literatura](#), de Carlos Heitor Cony, temos duas reflexões sobre a importância do impresso na nossa vida.

Para conhecer a história do Livro, [Clique aqui](#) para assistir ao Vídeo: **Manuscrito, Impresso e Digital.**

A reinvenção da biblioteca

GILBERTO DIMENSTEIN
COLUNISTA DA FOLHA

A PROFESSORA de português Alda Beraldo nem se deu conta de que estava inventando um novo tipo de biblioteca: no lugar de estantes numa sala fechada, cestas amarradas num jegue estacionado debaixo de uma árvore. "É uma sensação entre as crianças e seus pais."

Alda veio de Americana para morar em São Paulo atraída pela chance de cursar letras na USP e pela sedução da noite paulistana. "Sempre adorei a efervescência noturna." Formada, dedicou-se a ensinar poesia para estudantes e a fazê-los escrever versos. Uma tarefa árdua. Mas ela aprendeu a mostrar as palavras como peças de um jogo. "A poesia é quase uma brincadeira de esconde-esconde, na qual se revelam sentimentos universais e profundos."

No ano passado, ela recebeu uma proposta para disseminar os encantos da literatura numa cidadezinha de 24 mil habitantes espalhados em comunidades rurais, bem longe do agito cultural paulistano. A maioria das casas é de taipa, cobertas com ramos de babaçu. Teria de passar alguns dias todos os meses em Alto Alegre do Pindaré, ao sul do Maranhão, onde quase não existem livros, treinando professores e diretores. "O índice de analfabetismo é altíssimo. Nem os estudantes, nem seus pais, nem seus professores têm o hábito de leitura. Fora dos livros didáticos, só a Bíblia".

Como é grande distância entre os povoados que formam Alto Alegre do Pindaré, Alda percebeu que teria que fazer uma biblioteca móvel. Mas a prefeitura não dispunha de um carro para essa tarefa. "Mas sobravam jegues." Capacitou estudantes mais velhos para conduzir o jegue e contar as histórias debaixo da árvore - a "bibliojegue": como foi apelida, começou a se locomover no mês passado. "Quando o jegue carregado de livros vai chegando, as crianças, animadas, parecem que estão atrás do circo."

Ela precisou ir muito longe de São Paulo, para que pudesse, embaixo da árvore, ao lado de um jegue, reaprender o encantos das letras. "Vi mulheres analfabetas que choraram ouvindo pela primeira vez uma poesia."

O FIM DO LIVRO E A ETERNIDADE DA LITERATURA

Carlos Heitor Cony – FSP 08/09/2000

JÁ ESTÁ enchendo a discussão sobre o futuro do livro, tal como hoje o conhecemos. Por extensão, a mídia impressa sofre a mesma ameaça vinda da mídia eletrônica, que ainda está na sua pré-história.

Antes de mais nada, é preciso lembrar que o livro teve ancestrais em nada parecidos com o produto industrial que tomou sua forma definitiva após Gutenberg. O homem escreveu seus primeiros códigos morais e sociais em pedra, tijolos e madeira. Os dez mandamentos do Sinai vieram em forma de tábuas, embora Michelangelo tenha eternizado o seu Moisés segurando duas pedras. A escrita primitiva, feita a estilete, era da direita para a esquerda, daí que a literatura mais antiga, como a hebraica, é lida ao contrário. Os gravadores usavam a mão direita para dar a martelada, e o estilete ia da direita para a esquerda.

Povo do livro, os judeus têm como símbolo supremo de sua religião o Livro, a Torá, que são rolos de pergaminho ou papiro. Em Jerusalém, no Palácio do Livro, está exposto o Livro de Isaias tal como foi encontrado numa das cavernas de Qumran. É um imenso rolo que se desdobra à medida que se lê.

Antes mesmo de Gutenberg, o livro já adquiria o formato atual, e foi nele que se conservou a cultura e a tradição material e espiritual da humanidade. Pergunta: o que será dele quando a tecnologia conseguir telas de computador com a espessura de uma folha de papel?.

Poderemos dispensar nossas bibliotecas, conservando um único exemplar na forma aproximada de um livro tal como o conhecemos, podendo levá-lo para a cama, a praia, o banheiro, bastando acessá-lo por um provedor, que nos dará o texto integral de qualquer obra, no idioma que escolhermos, com as ilustrações e gráfico de que necessitamos.

No mesmo "livro", poderemos ler "Guerra e Paz" e "Os Sertões". Ou por meio de disquetes ou pela internet. Como se vê, um problema técnico, cuja materialidade estará sempre em processo.

Mas a pergunta que importa não é sobre o futuro material do livro, que depende de papel, gráfica, tinta e acabamento. O que importa discutir é que a linguagem habitual do livro, a literária, feita de letras, sintaxe e morfologia, ganhou uma inesperada importância com o advento da linguagem digital.

Pois a verdade é que a linguagem visual, da imagem que se move, que tem cor e movimento, que tem som e pode até ter cheiro, começava a dominar a cultura moderna. Jovens na fase dos 25 aos 30 anos já resistiam à linguagem das letras, uma vez que foram educados a partir de imagens e ícones que, com simplicidade e eficiência, transmitiam informações mais completas e instantâneas. Acontece que, com a linguagem digital colocada em circuito pela rede eletrônica, os jovens que agora estão chegando à fase do consumo de informações, por bem ou por mal, estão voltando à expressão literária, rudimentar embora, mas sujeita ao aprimoramento natural determinado pela própria necessidade de se exprimir.

Não faz muito, um jovem normal, independente de sua escolaridade, possuía um vocabulário padrão, paupérrimo, reduzido ao mínimo, ao legal, ao "morou", ao "cara" e a outras simplificações que, de certo modo, eram bastantes para a comunicação entre os iguais.

Com a chegada dos e-mails, dos sites virtuais, essas necessidades aumentaram e, embora continuem a ser usados símbolos, ícones e imagens, nota-se que a palavra impressa literariamente é indispensável. Daí a sobrevivência da linguagem propriamente dita, em sua forma convencional, que não será vencida pela linguagem meramente visual e animada.

É impossível deter a geléia que isso começa a provocar na cabeça dos meninos de 10 a 12 anos que sentem necessidade cada vez maior da comunicação impressa. Aos poucos, eles estão descobrindo o universo literário em sua acepção mais clássica, precisam lidar com sujeitos, verbos e complementos, dar valor a determinadas palavras, juntá-las de forma articulada e pessoal.

Ou seja: é um retorno à literatura. E, gradualmente, esse universo irá se ampliando. É impressionante o número de e-mails que recebemos de jovens, na fase dos 14 aos 15 anos, divagando sobre temas mais variados, e muito deles insensivelmente, apelando para pequenos contos ou crônicas, recurso impensável antes da Internet, pois só era usado em salas de aula que ajudavam a formar o desdém pela linguagem literária impressa.

Discutir a sobrevivência do livro, como objeto material, é ocioso. Como produto industrial, ele estará sujeito às transformações da técnica e da circunstância. Agora, o espírito da letra, a necessidade da letra como símbolo de expressão, reflexão e comunicação, isso nada tem a temer da linguagem digital. Pelo contrário: ela ajudou a velha letra, que nossos ancestrais grafavam na pedra ou na madeira, a vencer a força e a comodidade da imagem. Não adianta colocar Ingrid Bergman beijando Humphrey Bogart para transmitir a beleza e a necessidade de que sentimos toda vez que amamos. Nada substitui a simplicidade, a maravilhosa assombração do "eu te amo".

Vídeo 2 - HISTÓRIA DO LIVRO: MANUSCRITO, IMPRESSO E DIGITAL

Neste vídeo, apresentaremos a evolução do livro desde os manuscritos copiados, aos livros impressos e, com p hipertexto, o livro eletrônico (e-book).

O livro, instrumento quase tão importante quanto a escrita, na evolução do conhecimento. Você sabia que alguns autores equiparam a história do livro à história da escrita e, igualmente, à do papel?. Por isso, nos dedicamos um pouco a levantar alguns dados sobre a história deste instrumento valioso para o saber e sua importância para o ato de ler e de escrever e para a divulgação do conhecimento humano.

O livro, que conhecemos hoje, surgiu por volta do século II d.C. Sua materialização passou por diversas transformações.

Os indianos faziam seus livros em folhas de palmeiras cozidas em leite, escritas com instrumentos pontiagudos. Para que a escrita ficasse mais nítida, passava-se fuligem sobre as folhas. Até hoje, no Nepal, no Tibet e na Tailândia essa técnica ainda é utilizada.

Os maias e os astecas faziam seus livros na forma de sanfona. Utilizavam a entrecasca da árvore, por ser um material macio e flexível. Na Sumatra, mantém-se até hoje tradição equivalente.

Em Roma, há dois mil anos, os livros eram feitos de madeira encerada, com páginas costuradas duas a duas. Cada livro raramente tinha mais de dez páginas, pois era muito pesado.

A evolução da escrita está intimamente ligada à utilização do **papiro** pelos escribas. As folhas de papiro escritas eram emendadas e formavam rolos. Os rolos de papiro, criados pelos egípcios, eram chamados Volumem (rolos). O volumem dificultava a leitura, pois o leitor tinha que mantê-lo aberto utilizando as duas mãos. O título do livro era escrito no final do rolo.

No século II a. C. os escribas de Pérgamo, na Ásia Menor, começam a utilizar couro para escrever e inventam o pergaminho, uma página feita de couro de animais (cabra, carneiro, antílope, gazela) que podia ser escrita dos dois lados e dobrada. Com o surgimento do pergaminho veio, também, a utilização da pena para escrever e a invenção dos Volumem ou papiro, rolos de papéis sobre os quais eram impressos escritas, desenhos e informações sobre a vida humana.

Foi o pergaminho que possibilitou o desenvolvimento do **codex** (ancestral do livro contemporâneo) por meio da costura pelo vinco, sem que as folhas se rasgassem ou se desgastassem pelo manuseio. Assim, os manuscritos foram evoluindo e desenvolvendo novos suportes, até chegarem ao papel tal qual hoje o conhecemos.

Os habitantes do reino Helênico, utilizando-se de pele de carneiro, escreviam em pedaços de pele e os organizavam um após o outro, na forma de cadernos, técnica denominada Códex, que facilitava a reflexão sobre a leitura, pois o leitor, agora, podia manter as mãos livres. Várias eram as vantagens da nova forma de suporte: a utilização de dois lados do suporte, a

reunião de um número maior de textos em um único volume, absorvendo o conteúdo de diversos rolos, a indexação permitida pela paginação, a facilidade de leitura; enquanto o Vólumem exigia para ser desenrolado e lido a utilização das mãos, o Códex depositado em uma mesa pode ser lido sem o auxílio das mãos, liberando-as para o exercício de anotações. As mudanças eram significativas: tornava-se possível a redução dos custos de fabricação e, ao mesmo tempo em que se facilitava a leitura, concedia-se ao leitor a oportunidade de anotar, comparar e criticar o texto lido.

Os primeiros livros que surgiram eram escritos à mão, trabalho feito pelos **copistas**, homens encarregados de copiar os livros escritos pelos escribas. Os primeiros copistas, em sua maioria eram monges. É de se notar que o acesso aos livros era algo que tinha um custo alto, reservado apenas à nobreza e à Igreja.

Na Idade Média ascendia uma nova classe social, a burguesia, constituída por homens dos meios populares que mudaram sua situação financeira para melhor, mas não tinham prestígio entre a nobreza. O meio que encontraram para fazer parte dessa elite foi investir na cultura e no conhecimento. Por volta do século XII, através da influência financeira, os burgueses fizeram com que o conhecimento saísse dos conventos e mosteiros.

O esforço para multiplicar o livro durou séculos. Nos antigos mosteiros, os monges copistas executavam a arte de copiar sem intervir nos escritos. Eles tinham que ter a mesma caligrafia, para que um pedaço de um livro não ficasse diferente do outro.

Para isso mais livros deveriam ser transcritos, surgiram, assim, as *scriptoria*, produção de cópias manuais em série; o que fez surgir novas profissões. As principais foram a atividade dos copistas, encarregados de copiar e multiplicar os textos, e a profissão dos encadernadores, aqueles a quem cabia a responsabilidade pela encadernação e organização das páginas dos *Códices* (livros manuscritos).

O imperador Carlos Magno revolucionou o trabalho dos copistas, pois estes, além de copiar, passaram a fazer a correção e atualização dos textos, surgem assim os primeiros revisores do mundo.

A tipografia foi bem sucedida entre tantos métodos tentados para fazer registrar e multiplicar a escrita e levar a leitura a um número maior de leitores. A história da impressão começou na China, no final do século II d.C. quando os chineses já dominavam a fabricação do papel, da tinta e das placas de mármore como matrizes. A impressão em tábuas de madeira de elaboração mais fácil veio quatro séculos depois. Datam dessa época os primeiros textos impressos: orações budistas. Na busca da impressão como forma de multiplicar as cópias de livros, ampliando o acesso à leitura, os primeiros tipos móveis de letras reutilizáveis, agrupadas para formar textos, foram criados pelo chinês Pi Cheng, o qual desapareceu misteriosamente, juntamente com o seu invento. Entretanto, o primeiro livro impresso foi feito no Japão, entre os anos de 764 e 770.

Prisioneiros chineses revelaram o segredo da fabricação do papel aos árabes. Já a impressão com matriz de madeira, a **xilografia**, a Europa só desenvolveu no final do século XIV, bem como a **metalografia**, impressão com matriz de metal.

Na época, um holandês chamado Laurens Coster tentou imprimir textos por xilografia, mas a má qualidade da impressão o levou ao fracasso. Só após o conhecimento do papel, da tinta e

da impressão xilográfica e metalográfica, nasceu a possibilidade da impressão mecanográfica, a partir da impressão dos brasões das famílias nobres.

Gutenberg, na Alemanha, em 1450, descobriu que, invertendo a forma do brasão escavando-a em alto relevo, e adaptando-a a uma prensa de produzir vinho, poderia imprimir. Para ele, essa técnica poderia ser aplicada para fazer os tipos removíveis, letras reutilizáveis e afixadas juntas para formar uma página.

As primeiras idéias sobre a imprensa lhe ocorreram quando observava o anel com o qual os nobres selavam documentos, neles imprimindo o brasão da família. Esse anel tinha o escavado em metal ou pedra preciosa e deixava uma impressão em alto relevo sobre o lacre quente. Viu que o método deveria ser posto de cabeça para baixo: em vez de escavada em um bloco de madeira, a parte que serviria para imprimir deveria ficar em alto relevo.

Antes de Gutenberg a reprodução de textos e imagens era feita por intermédio de cópias manuais. Isto significava: tiragens irrisórias, imprecisão do material reproduzido que por ser copiado por várias pessoas apresentava erros, distorções e diferenças entre as cópias. Com a invenção dos caracteres móveis e da tipografia foi possível a reprodução ilimitada de textos e imagens de forma idêntica. Em vários pontos do mundo, diferentes pessoas podiam acessar as mesmas informações, graças ao processo de impressão.

O invento da imprensa significou bem mais que a simples tentativa de produzir cópias de livros com mais rapidez, eficiência e possibilidade de acesso, visto que desencadeou na Europa a idéia de difusão do conhecimento.

A invenção de Gutenberg foi sendo aperfeiçoada ao longo dos anos, com a invenção de novas máquinas de impressão, como a prensa rotativa, em 1850; o Linotipo, em 1885, para composição mecânica e a fotocomposição, em 1953.

Até a década de 80, todo texto produzido era disponibilizado ou no formato impresso ou manuscrito.

Com a disseminação da Internet, surge o hipertexto, que é um documento eletrônico composto de unidades textuais interconectados que formam uma rede de estrutura não-linear, por meio de **links**, nos quais o leitor vai criando suas próprias opções e trajetórias de leitura, o que rompe o domínio tradicional de um esquema rígido de leitura imposto pelo autor.

O conceito de hipertexto se amplia para o de **hipermídia** pela associação entre hipertexto e multimídia. Textos, imagens e sons tornam-se disponíveis à medida que o usuário percorre as ligações existentes entre eles. A WWW é o sistema hipermídia mais conhecido na atualidade. Sua independência de plataforma e a possibilidade de agregar novos recursos e serviços aos documentos apresentados implicam a facilidade de execução dos vários recursos pedagógicos.

A **hipermídia** amplia os princípios da escrita eletrônica para o domínio da interação, do som e da imagem. Tudo o que se perceber visual ou audiovisualmente pode fazer parte da textura destes documentos digitais que, por sua flexibilidade e por seu dinamismo, farão com que seja cada vez menos nítida a distinção entre escritor e leitor.

O texto eletrônico em formato hipertextual e multimídia oferece um novo meio de leitura e de escrita, em que o usuário pode interagir de maneira mais dinâmica com a informação; escolher entre múltiplas trajetórias e esquemas possíveis de leitura; experimentar o texto como parte de uma rede de conexões navegáveis que oferecem acesso fácil e rápido a outra informação necessária para a compreensão.

A mídia impressa na Internet: hipertexto e hiperídia como novas interfaces textuais

(1 de 1)

Embora historicamente o livro impresso tenha sido o mais importante meio de difusão do conhecimento e o suporte das principais construções intelectuais, na atualidade ele deixou de ser o único objeto de leitura. Muitos livros deixaram de ser impressos e passaram a ser distribuídos em formato eletrônico.

A leitura e a escrita eletrônica dão ao processo de alfabetização uma dimensão completamente nova. A concepção que temos da leitura e da escrita está subordinada à natureza física e visual do meio em que elas se desenvolvem. Para nossa cultura, o espaço natural do texto escrito é a página impressa, na qual a escrita é estável e controlada, de modo exclusivo, pelo autor. O espaço oferecido pelo livro eletrônico é mais fluido e dinâmico, permite ao texto uma maior transitoriedade e mutabilidade, reduz a distância que separa o escritor do leitor e possibilita sua interação. Este novo modelo de espaço textual facilita o surgimento de outros estilos de escrita e de novas estratégias didáticas para a leitura e para a escrita.

A Internet está nos reintroduzindo à leitura e à escrita naquilo que é primariamente um ambiente baseado no texto. Também está criando novas linguagens, baseadas em termos usuais na Internet (blogs, netiqueta), em símbolos (**emoticons**) e siglas que são usados para comunicação (tb – também, LOL – laughing out loud – rindo alto). Essas expressões são incorporadas naturalmente à nossa linguagem escrita e representam tanto atalhos para a comunicação quanto maneiras de expressar emoção online.

:-) estou alegre ou sorriso	:-X beijões	[]'s abraços
:-(estou triste	(:-) sou careca	:-* com soluços
:-D desconectar sorrindo	:-x beijinhos	:-O bocejando
}-> sacana	P-) sou pirata	:/i não fume
:-] sorriso sarcástico	:-# censurado	:-C inacreditável
;-) piscando o olho	-) estou com sono	:-B estou babando
:-P careta c/ a língua p/ fora	:'(chorando	:- muito desgostoso
8-) uso óculos	-O morrendo de sono	:-? lambendo os lábios
(:- K- mensagem formal	<:-) palhaço	:-)) gargalhada
*(aperto de mão oferecido	O:-) anjo / inocente	(:-\$ doente
*) aperto de mão aceito	:-{) tenho bigode	(:-& com raiva
?:-) não entendi	@:-) novo penteado	(:-(muito triste
@&:-) estou confuso	:-V gritando	:-(=) linguarudo
(:-...msg de cortar o coração	:-W falando forçado	%-) quebrei o óculos
:-S assunto sigiloso	:-)<? não sei responder	:-)<* falando várias coisas



O **hipertexto** é um documento eletrônico composto de nodos ou de unidades textuais interconectados que formam uma rede de estrutura não-linear, por meio de **links**, que são as conexões feitas entre nós em um hipertexto. Os nós podem ser trechos, palavras, figuras, imagens ou sons no mesmo documento ou em outro documento hipertexto.

Hipertexto

Formado por uma série de parágrafos conectados eletronicamente entre si e com outros textos, através de múltiplas ramificações, trajetórias e enlaces, o hipertexto permite uma conexão mais próxima entre a forma do pensamento humano e sua representação escrita.



Página do MEC



Página do Salto para o Futuro

As palavras ressaltadas nos links desempenham a função de botões que conectam a outras fontes. Navegando entre estes nodos, o leitor vai criando suas próprias opções e trajetórias de leitura, o que rompe o domínio tradicional de um esquema rígido de leitura imposto pelo autor. Assim, o leitor tem a oportunidade de experimentar o texto, não só em um nível subjetivo de interpretação, mas também em um nível de manipulação objetiva dos elementos que o integram. A opção de modificar o conteúdo do texto, de conectá-lo a outros trabalhos prévios e as novas formas de acesso e de consulta mudam substancialmente o conceito tradicional do livro.

As características que distinguem um hipertexto de um texto convencional são:

Não-linearidade – na qual não há uma ordem ou percurso predefinido a ser seguido. O autor é quem escolhe o percurso que irá seguir. O leitor percorre vários caminhos solicitados no hipertexto sem a observação de uma seqüência linear, na qual se valoriza princípio, meio e fim. No hipertexto, a organização do texto não depende de um eixo central que sustenta um conjunto hierarquicamente organizado de informações secundárias; exige que o leitor faça escolhas e solicita, também, que determine tanto a ordem de acesso aos diferentes segmentos disponibilizados no hipertexto, quanto o eixo coesivo que confere um sentido global ao texto lido.

No texto convencional temos a predominância da linearidade, sequenciação, que é uma característica das línguas vernáculas, por exemplo. Convivemos com um tipo de livro que desenvolve as idéias de forma linear, em um esquema de representação mental associativo. Por outro lado, as pessoas raciocinam segundo estruturas que ora podem ser lineares, ora não-lineares, mas operam concomitantemente. A escrita não-sequencial do hipertexto permite representar um conhecimento que captura e articula, simultaneamente, componentes de natureza diversificada.

Interatividade – possibilidade de interromper uma seqüência de informações e de reorientar com precisão o fluxo informacional em tempo real. É uma ferramenta para desenvolver e utilizar estruturas, pois apresenta ao usuário uma realização física dos múltiplos enlaces e inter-relações conceituais existentes em um texto, o que só pode ser representado simbolicamente no livro tradicional.

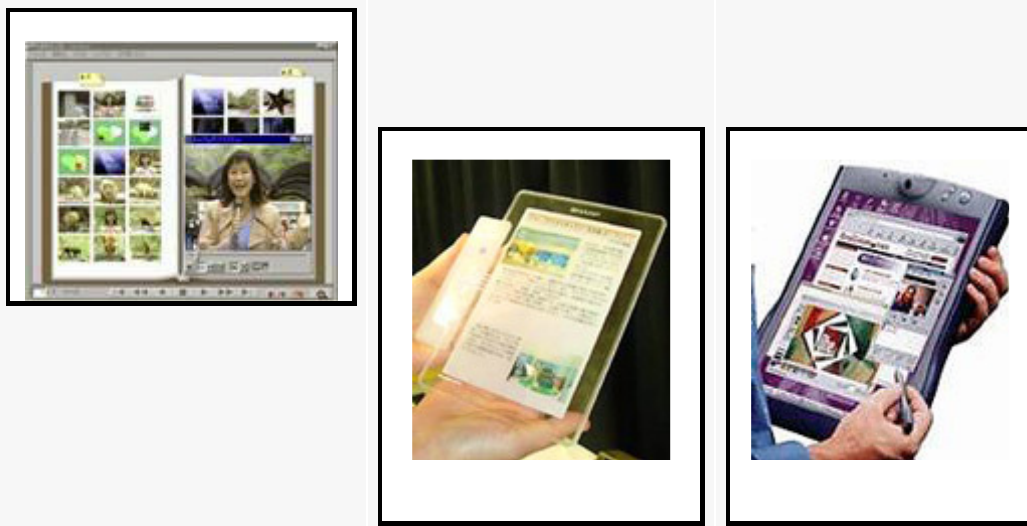
Pluritextualidade – viabiliza a absorção de diferentes aportes sógnicos numa mesma superfície de leitura tais como palavras, ícones animados, efeitos sonoros, diagramas e tabelas tridimensionais, provocando um grande impacto na percepção e processamento da leitura.

Intertextualidade – o hipertexto é um texto múltiplo, que funde e sobrepõe inúmeros textos. Textos simultaneamente acessíveis ao simples toque do mouse. Os links possibilitam um passeio por múltiplos textos, cuja ligação é determinada pelos programadores por meio de uma palavra. O link é uma ponte, um encontro entre produções textuais diferentes que propicia o fim das rígidas fronteiras entre os textos. Os autores dos hipertextos são facilitadores da leitura/navegação e convidam o leitor a construir ativamente seu próprio percurso. Para Xavier (2004), ao atualizar o hipertexto e percorrer seus links, o **hiperleitor** estará realizando tentativas de compreensão, efetivando gestos de interpretação ou de uso, porque, em última análise, é ele mesmo quem define a versão cabal do que será lido e compreendido.

Hipertexto (2 de 3)

O texto eletrônico em formato hipertextual e multimídia oferece um novo meio de leitura e de escrita, em que o usuário pode, segundo Alvarez (2002):

- interagir de maneira mais dinâmica com a informação;
- buscar e explorar significados com maior facilidade e eficiência;
- enfrentar o texto desde suas próprias necessidades e expectativas;
- vivenciar a experiência da aprendizagem por exploração e por descoberta.



A **escrita eletrônica** não se limita aos textos verbais, podendo os elementos de escrita serem palavras, imagens, sons, ações ou processos realizados por computador. Em vez de ler parágrafos, o leitor pode ver cenas em um vídeo, observar uma seqüência de fotografias, ouvir uma narração oral ou escutar um fragmento musical.

Outro tipo de divulgação, cada vez mais presente na Internet, são os livros digitais com conteúdo na íntegra. Como exemplo temos os livros na área de TIC no site do Núcleo de Informática na Educação da UNICAMP (NIED), [publicações do Grupo de Tecnologia Educacional da Universidad de Sevilla](#), [publicações da TV Escola: guias, revistas e cadernos](#). Essa tendência de digitalizar ou já se produzir no formato digital todo e qualquer documento para fins de divulgação levará à virtualização total das bibliotecas no futuro próximo. Essa realidade ainda depende da solução de muitos problemas, sendo o principal deles a questão dos direitos autorais.



NIED/Unicamp



Grupo de Tecnologia Educacional da Universidad de Sevilla



Revista TV Escola



Guias TV Escola

Hipertexto (3 de 3)



Virtual Books

No site www.virtualbooks.com.br, há livros digitais grátis em português, em inglês e em outras quatro línguas. “Vinte Mil Léguas Submarinas”, de Júlio Verne, “Os Lusíadas”, de Camões.



Portal do Professor

Som, imagem, texto, vídeo, objetos virtuais de aprendizagem e ferramentas interativas podem ser consultados e usados em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/>, site do Ministério da Educação.

Outras 18 mil bibliotecas compõem o catálogo do www.libdex.com, no qual há dezenas de endereços virtuais para cada nacionalidade. International Children Digital Library (www.icdlbooks.org) traz publicações digitais ilustradas.



Libdex



International Children Digital Library



Machado de Assis

Poesias, contos e romances compõem o acervo online. Nele, autores como Machado de Assis – que tem seus manuscritos digitalizados em www.machadodeassis.org.br – se misturam a escritores menos conhecidos, que têm na Internet uma aliada para popularizar as suas obras.

Hipermídia: a linguagem icônica (1 de 1)

A **hipermídia** é a associação entre hipertexto e multimídia. Textos, imagens e sons tornam-se disponíveis à medida que o usuário percorre as ligações existentes entre eles. A WWW é o sistema hipermídia mais conhecido na atualidade. Sua independência de plataforma e a possibilidade de agregar novos recursos e serviços aos documentos apresentados implicam a facilidade de execução dos vários recursos pedagógicos.

Nas figuras a seguir temos exemplos de páginas Web com aplicação de recursos de hipermídia:



A **hipermídia** amplia os princípios da escrita eletrônica para o domínio da interação, do som e da imagem. Tudo o que se perceber visual ou audiovisualmente pode fazer parte da tessitura destes documentos digitais que, por sua flexibilidade e por seu dinamismo, farão com que seja cada vez menos nítida a distinção entre escritor e leitor.

Leitura e autoria em suportes digitais (1 de 1)

A leitura desenvolvida em suportes virtuais utiliza escritas apoiadas em processos eletrônicos e em linguagens codificadas, que materialmente podem ser gravadas em suportes magnéticos (disquetes, cd-rom ou DVD). Muitas dessas leituras também estão disponíveis nas páginas da Internet. O suporte virtual oferece dificuldades para ser transportado, por isso, o ato de ler acaba sendo realizado em espaços circunscritos, o que vem a favorecer a leitura individual.

“Ler é mergulhar nas malhas da rede, é perder-se, é libertar-se, na medida em que a linearidade dá lugar ao hipertextual, ao móvel e flexível” (RAMAL, 2002). O hipertexto é um exemplo de texto que fugiu dos padrões e conseguiu inserir na sua constituição a hibridação; sua diferença significativa é a concepção.

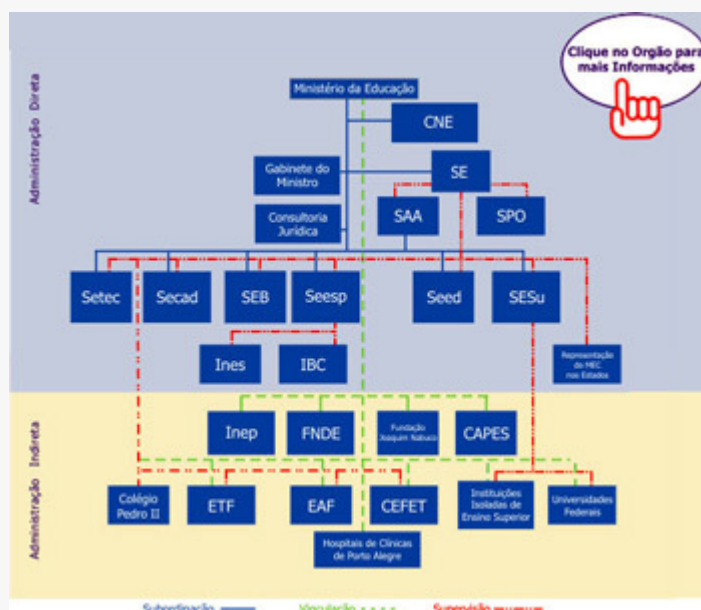
A partir daqueles elos virtuais o hipernavegador pode seguir por rotas diferentes das originalmente organizadas pelo seu autor. Ou seja, os nós/elos hipertextuais diluem qualquer “contrato” supostamente firmado entre autor e leitor – como parece ocorrer nos livros convencionais – que estabeleça a chegada da viagem – leitura pelo texto eletrônico ao seu porto final.

O hipertexto concede ao leitor certas funções de autoria: a possibilidade de agregar nodos, criar conexões, utilizar filtros. O papel do autor também se expande para abranger muito mais que a simples escrita: pode assumir a apresentação e o projeto do livro, criar gráficos, produzir animações, vídeos, efeitos sonoros, fotografias ou textos orais, e determinar as diversas ações do programa.

Para Cavalcante (2004), a identidade do hipertexto virtual se dá na presença e utilização de seus constituintes internos: os **nós** e **links**. São eles que garantem a arquitetura textual assumindo um funcionamento extratextual, pois monitoram o leitor para um exterior discursivo.

Os *links* promovem ligações entre blocos informacionais (outros textos; fragmentos de informação: palavra; parágrafo; endereçamento) conhecidos como *nós*. No entanto, estes blocos não necessitam estabelecer uma relação sêmica entre si, isto é, as ligações possíveis não formam necessariamente a tessitura daquele texto específico, mas promovem a abertura para outros textos.

Observe, por exemplo, a homepage do MEC; nela há *links* para vários setores (INEP, FNDE, CAPES, Instituições de Ensino Superior). Esses links apontam para materiais diversos, mas finitos, passíveis de circulação no domínio discursivo do site em questão. Já no interior de um texto qualquer, as conexões estabelecidas pelos *links* tendem a funcionar como as conhecidas notas de rodapé dos textos impressos. Num caso ou noutro, tais conexões promoverão a possibilidade de novos ingredientes que gravitem aquela tessitura.



Estrutura hipertextual da página do MEC

A partir do material lido até aqui, amplie o quadro abaixo, distinguindo texto de hipertexto.

Texto	Hipertexto
<ul style="list-style-type: none">- Escrita linear- Não permite imagens em movimento- Necessita ser transportado	<ul style="list-style-type: none">- Escrita hipertextual- Permite imagens e movimento- Maior facilidade de acesso em inúmeros locais na Internet

Para saber mais!

Para ampliar suas leituras sobre o histórico e importância do hipertexto, acesse os textos **Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais** e **Hipertexto como instrumento para apresentação de informações em ambiente de aprendizado mediado pela internet.**

Texto digital na sala de aula: uso de Bibliotecas Virtuais (1 de 1)

As bibliotecas modernas surgiram no século XVIII e permitiram um acesso relativamente fácil à informação. Os jornais e as revistas contribuem ainda mais para a difusão e aprofundamento da informação, mas usam outras estratégias de reconhecimento da informação, como, por exemplo, ler títulos, ver imagens, legendas.

As bibliotecas virtuais permitem acessar bancos de informação em formatos eletrônicos/digitais. Esse tipo de bibliotecas inclui também os catálogos automatizados de bibliotecas tradicionais. Segundo essa definição, a biblioteca eletrônica reproduz a produção impressa utilizando um meio de suporte diferente do papel, e se torna, também, espaço inovador de publicação, totalmente distinto do texto impresso, no formato hipertextual e hipermedial.

Você já teve oportunidade de pesquisar numa biblioteca na Internet? Qual a diferença entre uma biblioteca tradicional (física) e uma biblioteca na Internet (virtual)? Como estão organizados e armazenados os conteúdos nestas diferentes bibliotecas? Como podemos utilizar os recursos da biblioteca na Internet em nossas aulas?

Sites de grandes bibliotecas também podem trazer dados e acervos mais diferenciados do que o simples texto. Um exemplo disso é a página da **Biblioteca Nacional**, localizada no Rio de Janeiro. O site traz uma seção com fac-símiles integrais de alguns dos tesouros da biblioteca, como o do único exemplar da "Gramática" (1539) de João de Barros, a segunda editada em língua portuguesa, e o da primeira edição de "Os Lusíadas" (1572). Antes restritas a pesquisadores, as obras agora podem chegar aos olhos do público, ainda que mediadas pelo computador.



Biblioteca Nacional

As bibliotecas estão tendo um grande avanço com os recursos eletrônicos. Já há vários projetos de **bibliotecas parcialmente ou totalmente virtuais**, como as seguintes:



**Biblioteca Nacional
Francesa**

Bibliotheca Alexandrina

**Library of Congress
(EUA)**

Project Gutenberg

Encerramos aqui nossa primeira etapa. Nelas, estudamos o histórico da escrita, desde os manuscritos até chegarmos aos tempos audiovisuais hipermediáticos. Para ampliar seus estudos, sugerimos consultar as leituras recomendadas e assistir aos filmes [O Nome da Rosa](#) e [O Livro de Cabeceira](#).

Introdução - Etapa 2

Nesta etapa trabalharemos com os diversos materiais impressos disponíveis ou acessíveis aos professores no trabalho pedagógico. Cada um destes materiais será contemplado de forma mais aprofundada nos módulos referentes a esta mídia, que serão disponibilizados nas próximas etapas do curso.

Objetivos

- Avaliar a influência dos textos escolares na aprendizagem e prática docente.
- Distinguir as mídias impressas disponíveis e acessíveis aos professores no trabalho pedagógico em sala de aula.

Clique em [assuntos](#) para começar a estudar. Bom Proveito!

Impressos escolares (1 de 1)

O livro didático tem sido seguidamente utilizado nas sociedades com educação institucionalizada. Na Europa, antes da imprensa, os alunos produziam seus próprios cadernos de textos. Com o advento da imprensa isso mudou. Os livros didáticos foram os primeiros materiais produzidos em série, apesar de considerados como mercadoria de acesso restrito às classes mais abastadas.

Os livros didáticos ganharam o status de portadores da verdade, já que expressavam o resultado das ciências e valores da sociedade. Essa concepção prosseguiu e ganhou força com o tempo, assim como a da escola como lugar preferencial de divulgação e disseminação da cultura escrita.

No Brasil, até meados do século XX, a maior parte dos livros didáticos editados e impressos era de autores estrangeiros.

Até a década de 60 os textos escolares eram escritos em um vocabulário próximo do acadêmico. A partir da década de 70 houve a transição dos manuais para os livros didáticos, que são progressivamente adaptados às necessidades do público leitor. Com a democratização do ensino, o livro didático passa a ser distribuído nas escolas, ocupando o lugar central nos processos de ensino e aprendizagem.

No final da década de 90 o MEC criou um programa (Programa Nacional do Livro Didático) de avaliação dos livros didáticos existentes no mercado, respeitando as diversidades regionais, buscando a hegemonia da qualidade. Uma coleção só tinha continuidade no mercado se fosse revisada ou atualizada em um intervalo mínimo de três anos. Nesse sentido, a produção e comercialização de livros didáticos passou a ser um negócio de alto risco e competitividade entre diferentes editoras interessadas no mercado estatal e privado. Com isso, houve uma certa melhoria na qualidade tanto dos conteúdos – mais críticos, contextualizados, realistas e aprofundados – quanto do aspecto gráfico, técnico e didático-pedagógico.

Para Furlan (2002), o uso de revista ou de jornal pode ser objeto de trabalho dos alunos como leitura de aprofundamento, de atualização, ou mesmo como fonte de problematização de um tema de pesquisa. Muitas vezes o uso dessa fonte se faz sem que o professor estabeleça objetivos, considerando o planejamento de uma seqüência de atividades coerentes com os objetivos de aprendizagem.

Prevalece um uso espontaneísta dos materiais, como se eles dessem conta de ensinar sozinhos. Tradicionalmente, os materiais têm sido utilizados mais como fonte de informação conceitual e muito menos como meios, nos quais o fazer de alunos e professores se combinem para que o aluno possa confrontar conhecimentos, desenvolver habilidades e problematizar questões da disciplina. Os materiais podem e devem mediar a aprendizagem, pois permitem envolver os alunos em situações concretas de estudo, cuja realização implica a aprendizagem de procedimentos, valores e atitudes característicos do ofício de estudante.

Para saber mais!

Para ampliar suas leituras acesse o texto [Impressos e outros materiais didáticos em sala de aula](#), de João Bosco Pitombeira de Carvalho.

Livros Didáticos e Paradidáticos (1 de 1)

O livro didático, normalmente, é o material mais freqüente no cotidiano escolar do aluno. Esse tipo de livro deve ser fonte atualizada de informações, conter textos de boa qualidade e propor atividades interessantes que facilitem a articulação do seu conteúdo ao conhecimento do aluno.

Embora os livros, em sua maioria, tenham sido pensados pelos autores para serem usados como seqüência de conteúdos, o professor tem autonomia e liberdade de planejar o seu trabalho a partir dos recortes necessários à sua turma de alunos.



Para Furlan (2002), os livros paradidáticos vêm sendo cada vez mais utilizados nas escolas, pois cumprem o papel de aprofundamento conceitual que o livro didático muitas vezes não consegue alcançar. Existem coleções paradidáticas para todas as etapas da escolaridade, que se prestam para o desenvolvimento de trabalho com projetos. A leitura, as resenhas e os fichamentos têm sido os procedimentos mais difundidos em relação a esses materiais. Algumas coleções paradidáticas têm sido adotadas como substitutivo do livro didático, mas isso na escola pública é mais difícil, dada a falta de acesso a elas.

Essas coleções possibilitam a abordagem temática de conteúdos de diversas disciplinas e, muitas vezes, veiculam atualidades.



Para saber mais!

Para ampliar suas leituras acesse o texto [Livros em Sala de Aula – modos de usar.](#)

Enciclopédias (1 de 1)

A palavra enciclopédia (do grego *enkyklopaidea*), formada por *enkyklos*, circular e *paidéia*, educação, cultura, significava, na sua origem, um sistema ou círculo completo de educação, isto é, uma formação abrangente que incluía todos os ramos do saber. Posteriormente, o termo foi usado para designar as obras que reuniam as informações necessárias a esse tipo de instrução e que apresentavam, de forma sistemática, o conteúdo das várias artes e ciências.

Aristóteles (384 a.c. - 322 a.c.) foi chamado de pai da enciclopédia, pois o conjunto de sua obra, que abarcou uma extensa gama de assuntos, é considerado um trabalho enciclopédico, apesar de não ter sido escrito com essa intenção. As obras com características enciclopédicas eram chamadas de dicionários.

O termo enciclopédia apareceu no séc. XVI, com a publicação, em 1559, da obra denominada *Encyclopaedia: Seu, Orbis Disciplinarum, Tam Sacratum Quam Prophanum Epistemon* (Enciclopédia ou conhecimento do mundo das disciplinas tanto sagradas quanto profanas), do escritor alemão Paul Scalich (1534-1573).

No início, as enciclopédias eram antologias que reuniam um número variado de temas, organizados de maneira sistemática (em grandes assuntos). Essa organização sempre variava de obra para obra, pois não havia concordância quanto à melhor forma de ordenar logicamente o conhecimento.

A concepção estético-formal da enciclopédia foi se consolidando ao longo do tempo e, atualmente, apresenta-se como uma obra em vários volumes, abrangendo todos os assuntos, organizados em verbetes por ordem alfabética, escritos por especialistas de renome, incluindo ilustrações, mapas, gráficos e outros recursos visuais, e publicada por instituições de reconhecida competência.

Com a Internet, a idéia de enciclopédia como algo fixo, trazendo conceitos se amplia, pois os conceitos passam a ser interligados, inclusive permitindo sua ampliação pelos usuários, como é o caso da Wikipédia.



O sucesso da Wikipédia vem da atualidade das informações e da pluralidade dos temas abordados. Ao contrário das enciclopédias tradicionais, a Wikipédia muda a todo instante, captura tendências e modismos na velocidade em que surgem, registra feitos em tempo real. Isso acontece graças à Internet, que permite transformar os próprios leitores em editores de conteúdo. O sistema admite que qualquer pessoa colabore, acrescentando, apagando e corrigindo as informações. No modelo wiki, os colaboradores editam o próprio texto da página publicada online. Por ser uma criação aberta em que qualquer um pode inserir informações, corre-se o risco de acessar informação pouco confiável, mas pelo fato de ser um espaço aberto, ela motiva o leitor a questionar as informações e perceber que a informação é mutável e perecível.

Para saber mais!

Para ampliar suas leituras acesse o texto **Um livro Inesquecível.**

Jornais (1 de 1)

O jornal é um mosaico de informações cotidianas, um registro da história do dia-a-dia. A linguagem do jornal é rica e variada. É preciso ter um bom conhecimento da linguagem em geral e das funções da linguagem em particular, para avaliar/produzir um texto jornalístico. Sem contar a imprescindível capacidade de síntese e de objetividade.

O jornal, impresso ou na versão online, usa linguagens específicas para transmitir a informação: o texto escrito, a imagem e a disposição das informações na página e nas seções (diagramação, lugar e espaço ocupado pela notícia, caracteres tipográficos usados, cores, outros). Os jornais apresentam inúmeras possibilidades de uso didático e colocam o aluno em contato com a linguagem informativa, aproximando-o de fatos cotidianos.



O Globo



O Estado de São Paulo

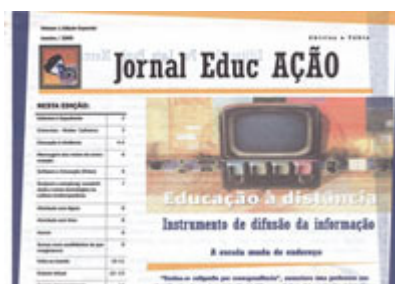


Jornal do Brasil

A organização de um jornal propicia produção em grupo e diversificada de um instrumento de socialização, que pode oferecer ferramentas de apoio ao trabalho pedagógico do professor e informações que serão utilizadas pelos leitores.

A proposta de construção de jornais envolve o planejamento de várias etapas por parte dos alunos, muitas decisões e buscas de materiais.

A realização da proposta de construção de um jornal permite que cada grupo execute atividades diferentes ao mesmo tempo. O jornal é um excelente recurso para socializar as informações pesquisadas e coletadas ao longo do processo; cada parte do jornal ou cada texto feito é original, pois supõe-se que seja construído pelo aluno, a partir das informações coletadas. Fazer um jornal na escola é um trabalho interessante, envolvente, que exige organização pelo aluno da matéria obtida, domínio de diversas ferramentas (editor de textos, navegação na Internet, uso de e-mail, ferramentas de editoração do jornal, manuseio de figuras) e envolve um extenso processo de pesquisa na Internet e nos meios convencionais.



Jornal Impresso



Jornal Online



El País



O Globo



The New York Times



Folha Online



Estadão



The Washington Post

Propaganda (1 de 1)

Encarada em seus aspectos mais negativos, a propaganda tem sido criticada por vender uma imagem de juventude e felicidade irreais, como no caso das propagandas de cigarro que anunciam seu produto, altamente prejudicial à saúde, por meio de lindos e jovens esportistas.

Crianças e adolescentes são extremamente suscetíveis ao efeito da propaganda. Como trabalhar, dentro da sala de aula, todo este universo textual que os cerca contemporaneamente?

Se o professor analisar criticamente os textos publicitários, terá um bom instrumento em mãos, para revelar com os alunos como pode ser uma fonte de conhecimento e informação, e também as artimanhas da publicidade, suas armas, qualidades e defeitos.

Um bom começo pode ser uma simples pesquisa sobre os textos que compõem as embalagens alimentícias, por exemplo. O professor pode analisar com seus alunos diversos tipos de embalagens e os textos nelas contidos; pode concluir com os seus alunos que a propaganda pode ser mentirosa e que as leis atuais prevêem punições para isso.

Tratando o tema da publicidade como gerador de situações de aprendizagem, o professor poderá, ainda, criar em classe uma pequena campanha publicitária a partir de um produto inventado pelos próprios alunos.

Histórias em quadrinhos (1 de 1)

A história em quadrinhos é um gênero de literatura, ao mesmo tempo, icônica e verbal, que contém uma arte de narrativa em imagem acessível mesmo a pessoas que não sabem ler. Seu público abrange tanto crianças como adolescentes e adultos de diferentes níveis socioeconômicos e educacionais. Configura um campo iconográfico rico e vasto.

Os quadrinhos abrangem a invenção de uma história, seu tratamento, sua estruturação e sua organização em vinhetas, a invenção dos diálogos, a caracterização física e moral dos personagens e outros fatores que divertem os alunos e mantêm seu interesse ao ponto de trabalharem sozinhos. A história em quadrinhos permite utilizar diversos recursos, como textos, figuras, onomatopéias, sons, imagens, possibilitando ao autor e ao leitor usufruir desses recursos.

O professor pode enriquecer o trabalho de leitura e escrita de seus alunos, a partir de uma narrativa em quadrinhos. Pode levar os alunos a transformar imagens visuais em textos verbais, por exemplo.

Para Freire (2002, p. 311), "as imagens podem ser variadas, dependendo dos personagens que o autor cria. Os textos, por sua vez, quase sempre complementam as imagens e, via de regra, servem para estabelecer diálogos entre os personagens; mostrar o que um determinado personagem está pensando; introduzir e/ou acompanhar o desenrolar da trama da história, indicando a presença de um narrador; produzir onomatopéias, sons ou ruídos."



Nas HQ, as crianças conseguem deduzir o significado da história mesmo não sendo capazes de ler, porque, observando a imagem, entendem a mensagem e/ou o conteúdo abordado. Por estes motivos, a utilização de histórias em quadrinhos em sala de aula pode proporcionar, além de facilidades à compreensão de conteúdos, o desenvolvimento da criatividade dos alunos, pois as apresentações em figuras são mais interativas.



Todo o trabalho de leitura e de análise das HQ deve culminar na realização dos próprios quadrinhos. Isso é um processo complexo (a invenção do argumento, a sua seqüenciação, a elaboração do roteiro, o planejamento, a definição dos personagens, os sucessivos passos da realização gráfica, entre outros), a ser realizado em grupo, que sempre deve finalizar com a publicação dos trabalhos resultantes, elaborando revistas escolares específicas e difundindo-as no ambiente escola.

Para saber mais!

Para ampliar suas leituras acesse os textos [Sabe o que dá pra fazer com estas revistas?](#) e [As boas lições que aparecem nos gibis.](#)

Cordel (1 de 1)

A literatura de cordel é uma história em forma de poema, apresentada em pequenos folhetos literários pendurados em um cordel (varal de barbante) para venda em feiras e mercados populares por todo o país. O tema apresentado é sempre de interesse popular e a ilustração da capa em xilogravura, muitas vezes feita pelos próprios poetas.



Exemplares de Literatura de Cordel

São livros impressos artesanalmente e ilustrados, às vezes, pelo próprio autor, que os vende também em romarias e outros locais públicos. O cordel aborda muitos temas: romances, contos fantásticos, histórias de animais, peripécias e diabruras; fatos acontecidos como enchentes e secas; críticas e sátiras; figuras nacionais ou tipos regionais; cantorias e pejejas.

O cordel, a partir de 32 páginas, recebe o nome de romance e, com 64, vira livro de história. Já na estrutura, o cordel pode ser dividido em quintilha (cinco versos), sextilha (seis versos), setilha (sete versos), quadrão (oito versos) e décima ou martelo (dez versos).

Os motes dos cordéis são classificados como: desafios ou pejejas; religião, ritos e exemplos; banditismo; história e fatos reais; amor e aventuras; humorismo e sátira.

Baseada nesta formatação, muita gente confunde cordel com poesia matuta. As diferenças estão na linguagem, na métrica e na temática. Desde os primórdios a temática do cordel se prende a ciclos, como o do cangaço, do boi, da peleja, do ABC, do romance. Já a poesia matuta, não. É muito mais livre.

É possível criar livros de cordel com seus alunos. Os próprios folhetos permitem verificar como é fácil produzi-los artesanalmente. Repare na técnica das ilustrações: são em preto-e-branco, em xilogravura – que consiste na confecção de matrizes em tacos de madeira esculpidos. A feitura de livros artesanais é um bom começo para gerar condições, na comunidade, à produção e circulação de textos.

O uso didático da literatura de cordel permite: promover uma aproximação com a cultura popular nordestina; estimular um olhar crítico e simultaneamente poético sobre a realidade; incentivar a sociabilidade entre crianças de meios diferentes através da construção conjunta de uma feira de artes virtual; valorizar a espontaneidade nos trabalhos escolares.

Para saber mais!

Para ampliar suas leituras acesse o texto [*Um século de Cordel*](#).

Revistas (Impressas e Online) (1 de 1)



Revistas Impressas

Um recurso importante para os projetos dos alunos está disponível em jornais e revistas online. Com a Internet, os alunos podem ter acesso a fontes de notícias em tempo real, com grupos de discussão de notícias ou páginas da Web configuradas para seguir eventos atuais. Esses materiais fornecem uma excelente oportunidade para eles compararem versões diferentes de matérias jornalísticas e examinarem como as notícias podem ser tendenciosas ou que tipo de matérias são consideradas de valor jornalístico.

As notícias na Internet podem ser facilmente utilizadas para acompanhar uma matéria por períodos mais ou menos longos. Por exemplo, os alunos podem examinar como uma eleição é informada em dois jornais diferentes. Alguns jornais e revistas oferecem arquivos de matérias jornalísticas do passado.



Época



A Nova Escola



Galileu



Veja

Mapas (1 de 1)

A leitura espacial é uma aprendizagem particularmente enfatizada na Geografia. Todas as pessoas têm noções espaciais, mas a Geografia em particular é a ciência que sistematiza os procedimentos de leitura e escrita da linguagem cartográfica. A cartografia é um meio de registro e transmissão de informação. A cartografia escolar, segundo Furlan (2002), além de constituir um recurso visual muito utilizado, oferece aos professores a possibilidade de trabalhar em três níveis: localização e análise, correlação e síntese.



Site com mapas online

Localização e análise – Quando se trata um fenômeno em particular e procura-se lê-lo espacialmente. Por exemplo, a distribuição das chuvas no Brasil, a ocorrência de florestas tropicais, os tipos de solos, as regiões mais populosas;

Correlação - São muitas as situações em que os professores podem combinar duas cartas de análise para correlacionar dois ou mais fatos. Por exemplo, a ocorrência de florestas tropicais e a distribuição das chuvas no Brasil;

Síntese - Ao se reunir vários mapas de análise, está se realizando uma síntese. Por exemplo, o professor pode juntar os mapas de chuva no Brasil, de florestas tropicais e de população para discutir os problemas do desmatamento ou da erosão dos solos.

O Atlas, em geral, contém mapas analíticos que devem ser trabalhados nos três níveis. É fundamental, no entanto, que o professor inicie as crianças desde pequenas nos primeiros passos da alfabetização cartográfica. A partir dos mapas, o aluno pode empreender a leitura da linguagem utilizada em sua construção. Aproveitando o interesse natural dos alunos, pode-se chegar à utilização do Atlas, depois de trabalhar com mapas avulsos e mapas disponíveis na Internet. Nesse processo, podem-se utilizar inúmeros recursos visuais, desenhos, fotos, maquetes, plantas, imagens de satélite, figuras, tabelas, jogos e representações feitas por crianças ou adolescentes, acostumando o aluno com a linguagem visual.

Mapas no Google Earth

Na sala de aula, a professora explica os diferentes tipos de ocupação ao longo do território brasileiro. Fala sobre as grandes cidades da região Sudeste e as compara com as fazendas mecanizadas da região Centro-Oeste. Com os olhos arregalados e o queixo caído, os alunos mal piscam: não querem perder os detalhes das imagens captadas por satélite que são projetadas no telão e permitem um verdadeiro vôo sobre o Brasil, incluindo um passeio dentro da Floresta Amazônica que arranca exclamações.

A cena é possível numa aula experimental com o Google Earth (<http://earth.google.com/>), banco de imagens aéreas que virou mania. Com o serviço, é possível visualizar qualquer ponto do globo terrestre com um alto nível de resolução. Em algumas cidades, como Cambridge, dá para ver detalhes como as linhas desenhadas no chão de uma quadra de tênis. Nas comunidades virtuais os usuários lançam desafios entre si, como encontrar um vulcão em erupção na Ásia ou, num determinado bairro de São Paulo, um jardim em forma de estrela.

O serviço permite descobrir o caminho que precisaria fazer para ir a um endereço. Pode-se fazer o trajeto do deslocamento a partir das informações do satélite.

O uso do Google Earth pode estimular os professores a trabalhar mais com imagens captadas por satélite: com imagens antigas e recentes é possível mostrar o crescimento da mancha urbana ou o desmatamento causado por queimadas, por exemplo. O serviço é útil em viagens, pois conta com dispositivos que permitem destacar sobre o mapa locais específicos, como restaurantes, pontos turísticos e hotéis.

Identificação de novas fontes de leitura e a construção de sínteses de temas locais estudados podem ser fundamentais como forma de documentação de lugares, muitos dos quais sem registro cartográfico. A produção de mapas e croquis pode ser o único recurso acessível à escola, uma vez que os produtos cartográficos oficiais são caros e raros. Essa produção pode ser temática, partir de um assunto da turma de alunos e ser tema de projetos coletivos.

Projetos Integrando Mídias Impressas

A **aprendizagem por projetos** é uma alternativa de trabalho em sala de aula que procura superar as práticas habituais, levando em consideração que:

- o aluno deve ser o sujeito da sua própria aprendizagem;
- o objetivo final da aprendizagem escolar é que o aluno saiba utilizar seus saberes em situações não-escolares;
- a construção do conhecimento é mediada pelo modo de aprender dos alunos e de ensinar dos professores.

Esta aprendizagem configura um processo dinâmico, possibilitando a formação de sujeitos participativos e autônomos, em contraste com a forma de aula tradicional em que só o professor tem o que falar para apresentar os conteúdos e os alunos apenas ouvem.

A atividade com projetos apresenta várias vantagens:

- obriga a uma reflexão prévia sobre o que se pretende fazer;
- implica especificar claramente os objetivos;
- permite uma identificação de intervenientes e de recursos a utilizar nos mais diferentes níveis;
- estabelece, desde o início, uma proposta de avaliação;
- exige um calendário que facilite o controle da execução das atividades que serão desenvolvidas;
- estabelece uma plataforma de entendimento comum entre os vários participantes sobre o quê, o porquê, o quando e o como do que é proposto fazer em conjunto;
- favorece a construção da autonomia e da autodisciplina por meio de situações criadas em sala de aula para reflexão, discussão, tomada de decisão, observância de combinados e críticas em torno do trabalho proporcionado ao aluno, tornando-o sujeito do seu próprio conhecimento;
- traz um propósito à ação dos alunos;
- propõe ou encaminha soluções aos problemas levantados;
- desperta o desejo de conquista, iniciativa, investigação, criação e responsabilidade.

Planejamento e Execução de Projeto Utilizando Mídias

O conhecimento anterior dos alunos sobre o tema do projeto deve ser considerado pelo professor a fim de que ele possa planejar o desenvolvimento do trabalho. O professor deve procurar favorecer o estabelecimento de múltiplas relações entre o que o aluno conhecia previamente e o que se apresenta como um novo objeto de estudos (compreendendo informações ou conteúdo e processos metódicos – heurísticos – que serão utilizados). Também há que lembrar as relações entre as diversas áreas do conhecimento pertinentes ao trabalho (sem forçar a criação de relações artificiais de conteúdos de áreas diferentes).

É preciso que o professor dê espaço aos alunos para que expressem suas curiosidades, definam o que desejam aprender, escolham temas inseridos no recorte temático para uma investigação pessoal. A definição das curiosidades dos alunos deve ser registrada e servir de guia para o desenvolvimento do projeto.

O trabalho deve ser registrado passo a passo a fim de que se produza a organização de uma memória das etapas percorridas e do percurso da produção do grupo. O professor deve favorecer a utilização de diferentes fontes de informação para que os alunos ampliem sua noção do que significa estudar e de que tipo de procedimentos é pertinente a esse ato (pesquisa bibliográfica, entrevista, assistir a filmes ou documentários, observar imagens, experiências ou eventos, visitar exposições, museus). A Internet é, por excelência, uma ferramenta para isso.

Os alunos devem ser colocados em situações nas quais troquem informações, fazendo circular os dados obtidos individualmente, a fim de que haja um repertório comum.

A avaliação do projeto deve ser usada para regular o desenvolvimento do trabalho, sendo feita constantemente e incidindo tanto sobre a aprendizagem quanto sobre o ensino.

A elaboração de um projeto envolve as seguintes etapas:

1- Seleção do tema – a escolha de assuntos normalmente é controlada pelo currículo definido pela escola. Devem-se envolver os alunos tanto quanto possível na seleção de um assunto, dando-lhes a liberdade para procurar seus próprios interesses correlatos. Os alunos, com certeza, irão adorar criar nomes para os projetos.

2 – Problematização – inicia-se com a escolha de uma questão ou problema (evento ou situação que se apresenta como um desafio para ser solucionado). Discuta a escolha. Selecione propostas para uma busca e faça uma revisão dos termos-chaves do desafio. Esta etapa é o ponto de partida para que os alunos expressem suas idéias e conhecimentos sobre o problema em questão: hipóteses explicativas e concepções sobre o mundo que os cerca. O professor detecta o que os alunos já sabem e o que ainda não sabem sobre os temas em questão. É a partir das questões levantadas nesta etapa que o projeto é organizado pelo grupo e são definidos os seus objetivos.

Aprofundamento sobre o assunto – estudo, visita, interlocução com algum especialista. Resumos, mapeamentos de conteúdos possíveis. Seleção e delimitação de conteúdos, conforme: objetivos mais amplos da área ou da série, seqüência temática do ano, seqüência conceitual da disciplina, possibilidades reais de execução e condições dos alunos.

3 – Organização do projeto ou planejamento – Definir os objetivos a alcançar com a realização do projeto e as estratégias para atingi-los. Pesquise na Internet sites Web com um tema interessante e que inspire idéias para a realização de diferentes atividades. Pesquise outros sites que possam servir de apoio na realização das atividades ou na pesquisa para os professores. Elabore as atividades a serem realizadas pelos alunos, levando em consideração alguns aspectos importantes: as atividades deverão partir do site da Web escolhido, explorando ao máximo as diferentes seções encontradas nos sites indicados. Considere a possibilidade de realização de atividades extras, tais como: passeios, entrevistas etc. Indique sugestões de leitura e materiais necessários para a realização das atividades.

Os temas são amplos, podendo abrir várias possibilidades de abordagem. Assim, se não focalizar o que se deseja, delimitando as questões e definindo os pontos principais a serem enfocados, o professor poderá ficar perdido, sem saber o caminho a tomar. Preveja recursos e organize um cronograma semanal de trabalho.

a) Listagem de atividades possíveis (explosão de idéias).

b) Classificação/agrupamento das atividades pensadas, conforme o tipo de aprendizagem que favorecem. Exemplo: atividades desencadeadoras de pesquisa, experimentais, de discussão, de organização, de desenvolvimento, de sistematização, de fechamento.

c) Organização das atividades em uma seqüência mais adequada, conforme: objetivos e conteúdos definidos, tempo e materiais/recursos disponíveis, tipo de atividade e nível de exigência e a necessidade de manter alunos motivados/interessados.

d) Reflexão sobre formas de viabilizar a integração com outras áreas curriculares nas situações que precisem de conhecimentos de outras disciplinas.

e) Reflexão sobre formas de auxiliar os alunos a estabelecerem relações entre os conteúdos (anteriores e posteriores).

f) Estabelecimento de resultados da aprendizagem – a utilização efetiva da Internet na educação exige padrões e resultados para o aprendizado do aluno. Sem expectativas de aprendizagem específicas para atividades baseadas na Internet, os alunos perderão a direção, o foco e ficarão sobrecarregados com a súbita quantidade de informações disponíveis para eles. Os resultados da aprendizagem definem os critérios pelos quais se avaliam o progresso do aluno e a eficácia do professor na utilização da Internet como

ferramenta. Os resultados da aprendizagem relacionados com a utilização da Internet na sala de aula dividem-se em duas categorias amplas: as associadas ao conhecimento, às habilidades e aos valores da unidade de currículo e as associadas à utilização efetiva da própria tecnologia. Como exemplo da primeira temos: os alunos descreverão problemas ambientais regionais, nacionais e globais relacionados ao uso de tecnologia e investigarão maneiras de apoiar a vida no futuro. E como exemplo da segunda: os alunos enviarão cartas por e-mail para colegas em outras partes do país.

g) Decisão do tipo de atividade e planejamento do horário – deve ser escolhido o tipo de atividade: amigos por correspondência, intercâmbio de informações, e deve ser decidido quanto tempo se planeja dedicar à atividade, considerada a variedade de estratégias de ensino-aprendizagem apropriadas para os alunos, ponderando o tipo e a quantidade de acesso à Internet disponíveis na escola e sala de aula.

h) Definição dos papéis dos participantes -- é importante definir, no início de um projeto, o pessoal que desempenhará um papel de liderança, gerenciamento e monitoração. Por exemplo, os professores em sala de aula podem tomar conta da organização geral e dos grupos de alunos; o professor responsável pelos recursos de informática pode agendar a utilização do computador e gerenciar problemas técnicos; os alunos selecionados podem supervisionar e avaliar os alunos individualmente, enquanto estes trabalham, e o bibliotecário pode imprimir uma amostra dos melhores projetos e exibi-los na biblioteca.

4 – Desenvolvimento (execução) do projeto – é o momento em que se criam as estratégias para buscar respostas às questões e hipóteses levantadas na problematização. É preciso que os alunos se defrontem com situações que os convidem a comparar pontos de vista, rever suas hipóteses, colocar novas questões, deparando-se com outros elementos postos pela Ciência. Para isso, é preciso que se criem propostas de trabalho que exijam a saída do espaço escolar, a organização em pequenos e/ou grandes grupos, o uso de biblioteca e a vinda de pessoas convidadas à escola, entre outras ações. O acompanhamento é o componente com maior peso para o êxito da fase de concretização do projeto. Manter vivo o projeto na sua fase de desenvolvimento constitui uma tarefa difícil. Acompanhar o andamento das atividades e estar atento às interações dos participantes é fundamental, para que não se deixem de fora os menos ativos ou para marcar um ritmo mais consistente com o plano desenhado.

Roteiro de pesquisa – O que queremos saber? Definir com os alunos quais as perguntas que eles gostariam de ver respondidas a respeito do tema a ser pesquisado. O que precisamos para poder responder? Definir um cronograma de pesquisa com as ações necessárias para responder às perguntas levantadas. Onde encontramos o que precisamos? Levantar com os alunos quais as fontes de informação que podem ser consultadas. O professor pode sugerir a utilização de enciclopédias, revistas, atlas, livros paradidáticos, filmes, documentários etc. Como obtemos os materiais de que necessitamos? O professor deve orientar os alunos sobre como obter os materiais de pesquisa, ensinando-lhes a consultar uma biblioteca, a realizar uma entrevista e também a organizar um arquivo das informações. Como apresentamos os resultados da pesquisa? Definir com os alunos a forma de apresentação final dos resultados da pesquisa. Como avaliamos aquilo que aprendemos? O professor pode retomar as questões levantadas no início da pesquisa e avaliar com os alunos quais foram respondidas e quais não. Será uma boa ocasião para discutir sobre as perguntas que surgiram ao longo do projeto e aquelas que ficaram sem respostas.

Uso de mídias nos projetos – o trabalho com projetos favorece o uso de tecnologias por parte dos alunos, de forma contextualizada. Ou seja, através de um projeto o aluno pode aprender a usar o rádio, a televisão, o gravador, o computador, o videocassete, a Internet etc. em contextos de pesquisa ou de organização dos dados obtidos durante o estudo. É preciso reconhecer a necessidade de uma mudança de postura em relação ao uso das tecnologias pelas escolas, que geralmente acontece de forma meramente instrucional. Ensina-se, por exemplo, a utilizar o computador sem que haja a real necessidade de diagramar um texto para melhor comunicar aquilo que foi aprendido.

As mídias favorecem o desenvolvimento de uma série de capacidades e permitem o contato com linguagens variadas. A tecnologia eletrônica – televisão, videocassete, máquina de calcular, gravador e, principalmente, o computador – pode ser utilizada para gerar situações de aprendizagem com maior qualidade, ou seja, para criar ambientes em que a

problematização, a atividade reflexiva, a atitude crítica, a capacidade de decisão e a autonomia sejam privilegiadas.

A simples presença de tecnologias na escola não é, por si só, garantia de maior qualidade na educação, pois a aparente modernidade pode mascarar um ensino baseado na recepção e na memorização de informações. A incorporação desses recursos tem de estar diretamente associada aos objetivos didáticos que se pretende alcançar em um projeto de trabalho.

Os projetos de trabalho não devem ser definidos em função dos recursos tecnológicos, mas, sim, incorporar esses recursos para a sua realização. Na medida em que os professores têm acesso a eles e aprendem a utilizá-los, também estão aprendendo a olhar produtos prontos de maneira mais crítica. Aprendem a tratar a informação recebida diariamente e a selecionar as informações pertinentes aos seus afazeres didáticos.

5 – Sínteses – conceitos, valores e procedimentos construídos. Informações adquiridas e sistematizadas. Questões esclarecedoras. Novos problemas a serem resolvidos. As novas aprendizagens passam a fazer parte dos esquemas de conhecimento dos alunos e vão servir de conhecimento prévio para outras situações de aprendizagem. Os projetos são processos contínuos que não podem ser reduzidos a uma lista de objetivos e etapas. Refletem uma concepção de conhecimento como produção coletiva, em que a experiência vivida e a produção cultural sistematizada se entrelaçam, dando significado às aprendizagens construídas.

6 – Avaliação – como podem ser avaliados os resultados da aprendizagem dos alunos? De que modo pode ser avaliada a utilidade da Internet como ferramenta principal ou auxiliar do projeto? A avaliação do professor, dos companheiros de classe e a auto-avaliação são instrumentos apropriados em uma sala de aula ativa, centrada no aluno e com tecnologia avançada. Os alunos devem estar envolvidos nesse processo tanto quanto possível. Na conclusão do projeto pode ser feita uma apresentação oral, um relatório escrito, um vídeo, a montagem de uma home page pelo grupo, entre outras formas possíveis de se avaliar.

Existem múltiplas formas de se avaliar um projeto: desde uma avaliação qualitativa com base numa observação participativa a uma avaliação quantitativa com aplicação de instrumentos. É indiscutível a necessidade de referências que permitam não só refletir sobre a atividade passada, nos seus desenvolvimentos positivos e negativos, mas também mantê-la orientada para os objetivos e, finalmente, para que se possa alterar o projeto de forma a obter um melhor desempenho no futuro. Algumas questões: o que foi mais importante? O que foi novidade? Os objetivos estão sendo cumpridos ou foram realizados? Como foi a participação dos envolvidos nas atividades do projeto? Como foi o envolvimento dos colegas nos trabalhos realizados? O que se pode melhorar nos próximos projetos?

A avaliação do projeto será feita, também, ao longo do processo, mediante a utilização de alguns procedimentos e instrumentos, tais como: conversas; pautas de observação; produção de textos coletivos ou em duplas.

Uma das etapas fundamentais é o processo de apresentação e/ou exposição das descobertas, das criações, das experiências etc. É importante planejar junto com os alunos este momento final, muito rico de informações para todos os agentes do processo educativo, bem como realizar uma avaliação do projeto em si.

7 – Culminância/divulgação – na conclusão do projeto, os resultados devem ser compartilhados com todos os participantes. Pode ser elaborado um resumo descrevendo o projeto, o que se fez, o que se aprendeu, que mudanças ocorreram. Isso pode ser publicado, inclusive, na rede, para outros avaliarem.

É interessante que esse produto envolva mais de uma linguagem e mídia, não apenas a escrita. Livros ilustrados, painéis, cartazes, maquetes, álbuns, folhetos, seminários, exposições, campanhas, dramatizações e instalações são alguns dos produtos que podem ser divulgados, sempre considerando a autonomia dos alunos e o papel do professor como colaborador e facilitador.

A participação em projetos tem uma dimensão coletiva, envolvendo compartilhamento de idéias e valorização do processo de intercâmbio, que são divulgadas de várias formas. As formas e a sua adequação dependem do que se pretende divulgar. Por exemplo:

- comunicações em seminários e encontros de professores;
- realização de vídeos;
- promoção de encontro de alunos e professores participantes no projeto;
- publicação de boletim informativo ou de cartazes (tema, objetivos, participantes, atividades);
- publicações em jornais da série, da escola ou da comunidade (jornais, com boa divulgação, podem ser um modo de revelar talentos para a escrita, para a liderança, para a capacidade de planejamento de alunos que não aparecem em situações convencionais de sala de aula);
- criação de *sites* que apresentem o resultado do trabalho cotidiano de sala de aula: pesquisas, debates, poemas, folhas de exercícios, resultados de investigação, acompanhamento crítico das notícias de jornais;
- Criação de livros com produção coletiva de textos, reportagens, fotos: um almanaque que lhes permita mostrar suas múltiplas habilidades de escritores, de desenhistas, de fotógrafos, de charadistas, de contadores de casos, de repórteres, de ilustradores etc. Esses livros podem ser lançados em noite de autógrafos, quando pais e amigos visitariam as escolas para ver os produtos;
- exposições dos trabalhos de arte pela escola, com painéis comentados; inauguração com livros de observações, momentos de apresentação dos artistas e produção de jogos a partir de temas trabalhados pelo projeto.

Exemplo de um Projeto Integrando Mídias

AS AVENTURAS DE MARCO PÓLO: UMA VIAGEM NA ROTA DA SEDA

Disciplina: História – Geografia – Ciências Sociais – Matemática – Turismo – Artes
Série: 7a. e 8a e Ensino Médio



Acessar informações online de e sobre países em torno do globo fascinará os alunos e estimulará a aprendizagem.

Vamos explorar as viagens de Marco Pólo, suas grandes aventuras e descobertas, e conhecer algumas passagens históricas da Idade Média. Visitaremos os lugares que Marco Pólo relata nas suas andanças.

Essas viagens virtuais são como uma excursão que facilita a exploração e a investigação do lugar escolhido. Sugere-se ao professor preparar previamente um guia de excursão, com perguntas que orientem o deslocamento virtual e a busca de informações por parte dos alunos.

Isso poderá fazê-los utilizar recursos online para suplementar o material impresso disponível que já existe em sua sala de aula ou na biblioteca.

Aprender sobre outro país e compilar um relatório sobre ele é relevante para geografia, história e outras áreas de estudos sociais, assim como para o estudo de línguas, por exemplo, utilizando informações de viagem em sites com outras línguas.

Construir um roteiro de viagem à Rota da Seda, passando pelos lugares visitados por Marco Pólo, narrados no livro *Aventuras de Marco Pólo* ou nas reportagens da Revista National Geographic dos meses de maio, junho e julho de 2001.

Etapas:

1. Leitura do Livro As Viagens de Marco Pólo, de Carlos Heitor Cony e Lenira Alcure.

2. Assistir ao filme: As Aventuras de Marco Pólo (1938)

www.diretoriadeitapevi.com.br/filmes.html

3. Visita a sites que relatam a vida de Marco Pólo. Construa uma história de vida de Marco Pólo.

www.estado.estadao.com.br/editorias/2002/08/25/cad045.html

www.canalkids.com.br/viagem/voce sabia/viagem_mpolo.htm

www.escoteiros.org/aventura/exploradores/marco_polo.htm

www.jt.com.br/suplementos/saba/2001/07/07/saba006.html

4. Visita às reportagens da Revista National Geographic que trazem as Viagens de Marco Pólo - www.uol.com.br/nationalgeographic. Procure na seção arquivo nos números de maio, junho e julho de 2001.

5. Leia o texto de Jean Pierre Drége - Marco Pólo e a Rota da Seda, nos sites:

www.historiaillustrada.com/media/conquistas.html Rota da Seda

- www.mundus.com.br/expedicao/rotadaseda/bibliografia.htm

6. Organizar um roteiro turístico para visitar os lugares descritos nas viagens de Marco Pólo. Consulte os sites sobre esses lugares.

www.webhead.com/www/india/ links para o governo da Índia.

www.astaspice.org/ - biblioteca de referência sobre especiarias, receitas e história do comércio dessas mercadorias.

www.itwg.com/home.asp

<http://sun.sino.uni-heidelberg.de/igcs/> links para mais de 1.500 sites jornalísticos e acadêmicos.

O índice de conteúdo permite fácil acesso a links sobre artes, história, religião, economia, política, educação e outras áreas de interesse.

www.cnta.com/ tour pela China

www.chinapage.com/china.html história da China

www.bellereti.com/jzimm/Venice/venice.html Roteiros temáticos por Veneza.

www.afghan-web.com/ Afeganistão: cultura, história, política, geografia

<http://userwww.service.emory.edu/~sebrahi/PersiaNet.html> - cultura e história do Irã (antiga Pérsia).

7. Selecionar sites na Internet para organizar uma viagem aos lugares escolhidos por cada dupla/grupo. Os parâmetros que iremos adotar para essas viagens virtuais serão: duração; orçamento; transporte; pontos de interesse; mapas.

8. Pesquise e elabore um atlas com mapas retirados da Internet, indicando os lugares atuais visitados por Marco Pólo nas suas viagens. Descrever o espaço terrestre, considerando seus aspectos geográficos. Sites recomendados sobre esses lugares:

www.roadmaps.org

www.streetmap.com

www.mapquest.com

www.nationalatlas.gov

geomundi.cjb.net

9. Trace um roteiro indicando os países que você gostaria de visitar. Identifique, a partir de navegação nos sites geográficos, os principais pontos turísticos, os nomes de suas principais cidades e capitais, as bandeiras, os tipos de governos, as religiões, os idiomas, as

comidas típicas e descubra muitas outras coisas interessantes.

www.360graus.com.br

www.webventure.com.br/expedition

www.cnn.com/travel

www.schurmann.com.br

www.fodors.com

www.guiagnet.com.br/guiatur

www.horizontegeografico.com.br

www.lonelyplanet.com

www.planetware.com

www.viajenaviagem.com.br

www.proximaviagem.com

www.timeout.com

www.viagem-e-turismo.com.br

www.viajenaviagens.com.br

www.viamichelin.com

www.hands.com.br

10. Localize sites sobre previsão do tempo e trabalhe essa previsão para a semana nos lugares visitados.

www.cpc.ncep.noaa.gov

www.cnn.com/WEATHER/

www.weather.com/twc/hpomepage.twc

www.weather.com/brasil

ANTUNES, Benedito (orgs.). **A memória, literatura e tecnologia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005. Discute o impacto da tecnologia da informação na produção do conhecimento, na constituição de acervos literários, na intertextualidade e no próprio conceito de literatura na era da informática. Descreve a implementação e manutenção de centros de documentação no Brasil e os problemas enfrentados nesse processo. Discute a documentação iconográfica em face dos novos recursos tecnológicos.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003. A história das bibliotecas tem pouca semelhança com a placidez de um salão de leitura. Envolve desfechos violentos e interrupções abruptas, espelho de momentos cruciais vivenciados pela humanidade. O leitor é convidado pelo autor, bibliotecário, a visitar diversas bibliotecas (da Babilônia, da Alexandria, a de Jonathan Swift, a do Congresso americano, a do gueto de Vilna) num relato fascinante que une informações técnicas e precisão histórica.

BELO, André. **História & Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

O livro é uma das fontes mais ricas de que o historiador dispõe. Nele encontramos idéias do seu autor, as marcas do lugar social de onde escreveu, os indícios da produção e da venda da obra, do trabalho de ilustração, de grafismo, a materialidade e espiritualidade do livro.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. Adotando uma abordagem sócio-cultural e baseando-se em textos escritos entre os séculos XVI e XVIII, Burke examina o caminho percorrido pelo conhecimento humano desde a invenção da prensa tipográfica por Gutenberg até a publicação da Enciclopédia francesa de Diderot e d'Alembert, e as transformações na organização do saber na Europa no início da era moderna.

CHARTIER, Roger (org.) **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial/Fundação Editora Unesp, 1998. A Internet fez renascer o sonho de universalidade no qual toda a humanidade participa do intercâmbio de idéias. Mas suscita também a angústia de ver desaparecer a cultura do livro. Qual é o futuro do livro? O que nos ensina seu passado? O autor lembra que muitas revoluções, como a de Gutenberg, vividas como ameaças, criaram, pelo contrário, oportunidades e esperanças. Refletir sobre a aventura do livro é, em definitivo, examinar a tensão fundamental que atravessa o mundo contemporâneo, dilacerado entre a afirmação das particularidades e o desejo do universal.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002. O autor mostra como o mundo digital está alterando a relação do leitor com o texto impresso, e discorre sobre a transformação do próprio conceito de livro.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido - cultura escrita: entre distinção e apropriação**.

Campinas:ALB/Mercado de Letras, 2003.

Ensaio em que se discutem as diversas 'revoluções da leitura' que transformaram as relações entre as pessoas, as estratégias intelectuais e, sobretudo, as formas de ler. Acompanhando momentos decisivos, como o que marca a passagem da leitura oral para a silenciosa ou o início da utilização de tipos móveis para composição de livros, chega-se à mais recente das 'revoluções', associada à disseminação dos computadores e da Internet.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (orgs.) **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

Muito mais que uma história da leitura no Ocidente. Ao analisar os aspectos históricos do tema, a obra acaba investigando não apenas a leitura, mas também o texto, a escrita e os leitores, mostrando ainda como os espaços reservados aos livros e aos leitores foram se modificando.

COSCARELLI, Carla V. (org.) **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autentica, 2002. Aborda a relação entre Informática, Linguagem, Educação e Cognição e os textos oferecem visões diferentes sobre vários aspectos da informática aplicada à educação. Apresenta uma introdução às discussões relacionadas ao uso de novas tecnologias, acompanhada de uma reflexão teórica sobre a informática na educação e algumas experiências educacionais que empregam a informática

como recurso pedagógico.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 2005. Trata dos novos tipos de letramento no mundo digital, novos usos da língua, novas formas de ensino após a Internet. Analisa a alfabetização digital, envolvendo o uso das várias ferramentas disponíveis na Internet para trabalhar o letramento.

EISENSTEIN, Elizabeth L. **A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Ática, 1998. Panorama das grandes mudanças nas comunicações no século XV, no qual a autora explora a passagem do texto manuscrito para o impresso no contexto dos três principais movimentos que marcaram a Europa Moderna: o Renascimento, a Reforma e o surgimento da ciência moderna, revelando os múltiplos efeitos da cultura impressa na vida intelectual do Ocidente.

FIORENTINI, Leda M.; MORAES, Raquel (org.) **Linguagens e interatividade na educação a distância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. Traz informações à compreensão de como a interatividade contribuiu para definir as concepções dos textos didáticos escritos, do hipertexto, e dos programas de televisão e vídeo, de modo a empregá-los nas práticas educacionais cotidianas.

FREITAS, Maria T.; COSTA, Sérgio Roberto (orgs.) **Leitura e escrita de Adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. Analisa os desafios colocados à leitura e escrita, provocados pelas transformações nos modos de produção do conhecimento, e desencadeados pelos usos das novas tecnologias da informação no mundo contemporâneo. Compreende experiências de leitura e escrita de jovens, mediadas pela Internet.

GALVÃO, Ana M. **Cordel, leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Analisa leitores de literatura e cordel no período entre 1930 e 1950. A obra permite relacionar práticas que se desenvolveram no Brasil em meados do século XX com aquelas, muito mais antigas, que caracterizaram o primeiro grande movimento de alfabetização e de catequização promovido pelos religiosos. Permite também aos leitores compreender por que os objetos de cordel podem ser um suporte essencial das práticas culturais e da circulação das informações escritas nos grupos sociais não letrados, dando uma contribuição fundamental a uma história da leitura das camadas populares do Brasil, além de mostrar como se pode reconstruir leituras do passado, modos de ler, formas de acesso ao escrito e de atribuição de sentido a textos. O livro traz, ao final, ilustrações de várias capas e recortes de livros que também contam a história da literatura de cordel no país.

LEÃO, Lúcia (org.) **O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias**. São Paulo: Senac, 2005. Trata das novas mídias sob enfoque de professores, artistas e pesquisadores da cibercultura, traçando um relevante panorama sobre a época atual. Os temas são enfocados pelo aspecto tecnológico, representado pelo *chip* e pelas dinâmicas imprecisas, lúdicas, subjetivas, artísticas, presentes na imagem do caleidoscópio.

MARCUSHI, Luiz A.; XAVIER, Antonio C. (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. Aborda e discute as principais modificações promovidas nas atividades linguístico-cognitivas dos usuários, a partir das inovações tecnológicas e de como essas mudanças afetam o processo ensino/aprendizagem da língua na escola e fora dela. Trabalha conceitos de hipertexto, gêneros eletrônicos, discurso, leitura e ensino a distância mediados pelo computador.

MENEZES, Vera (org.) **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001. Apresenta uma proposta interdisciplinar envolvendo a Análise do Discurso e a Linguística aplicada ao Ensino de Línguas Estrangeiras e coloca em discussão a interação mediada por computador, sua constituição enquanto uma nova modalidade discursiva e suas aplicações, repercussões e conseqüências sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras. Apresenta discussões teóricas sobre interação e aprendizagem em ambientes virtuais, revisões sobre novas modalidades de comunicação decorrentes do advento da internet, observações empíricas das características próprias do *chat* enquanto prática discursiva, análises descritivas sobre reparo e correção nas interações por *e-mail*, análises sobre coesão e coerência no texto eletrônico e sobre as interfaces entre letramento e oralidade neste tipo de interação. Discute o impacto da aprendizagem *online*.

PORTELA, Eduardo (org.) **Reflexões sobre os caminhos do livro**. São Paulo: Unesco/Moderna, 2003.

Apresenta a discussão sobre o futuro do livro na Sociedade pós-moderna. Traz diferentes perspectivas sobre o lugar do livro no mundo, o papel do livro nas diferentes culturas. Discute o destino do livro diante da Internet.

RAMAL, Andréa C. **Educação na cibercultura:** hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002. Analisa mudanças, nos modos de pensar, de aprender e de relacionar-se com o conhecimento hoje. Apresenta subsídios para os educadores utilizarem com facilidade e proveito a Internet na sala de aula, incitando-os a assumir um novo perfil e transformando os conceitos e as práticas atuais na educação. Capítulos: Monologismo; Polifonia; Redes; Invenções; Limites.

SILVA, Ezequiel T. (coord). **A leitura nos oceanos da Internet.** São Paulo: Cortez, 2003. Aborda a formação pela escola do leitor do texto eletrônico, as características inerentes aos suportes que produzem e fazem circular esse texto (Internet e computador) e as formas de estruturação ou configuração dos textos digitais nas suas relações com os comportamentos do leitor.

VILLAÇA, Nízia. **Impresso ou eletrônico?:** um trajeto de leitura. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. Reflete sobre alguns aspectos da passagem da cultura impressa à eletrônica e algumas de suas implicações filosóficas, políticas, sociológicas, sublinhando a importância do lugar da arte literária na antecipação do imaginário da Internet e a importância das negociações que estas passagens exigem do corpo ante os novos desafios aos processos de subjetivação.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do Livro, fim dos leitores?** São Paulo: Senac, 2000. A autora tece considerações acerca da leitura e do livro. Relembrando a relação do leitor com a escrita, desde o pergaminho até o *e-book*, discute o destino do livro.

Referências

- A história do livro. **Gutenberg (Primeiras impressões)**. Artigo extraído da coluna "Perfil" da Revista Superinteressante.. Outubro de 2003.
- ALVAREZ, Octávio H. O texto eletrônico: um novo desafio para o ensino da leitura e da escrita. In: PÉREZ, Francisco C.; GARCIA, Joaquín R. **Ensinar ou aprender a ler e a escrever**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ALVES, Rubem. **O prazer da leitura**. Disponível em: <http://www.rubemalves.com.br/oprazerdaleitura.htm>. Acesso em: 10/03/05.
- BIZZO, Nélío. **Ciências: fácil ou difícil?** São Paulo, Ática, 1999.
- BORGES, L.R. Quadrinhos: literatura gráfico-visual. **Revista Agaquê**, vol. 3 n. 2. São Paulo: ECA/USP, agosto 2001.
- BRAGA, Denise B, A comunicação em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antonio C. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucena, 2004.
- CAMPELLO, Bernadete. Enciclopédias. In: CAMPELLO, Bernardete; CALDEIRA, Paulo T. (orgs). **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. pp. 9-22.
- CARVALHO, D. **A educação está no gibi**: experiências: uma breve história de porquês. Cosmo HQ. Junho 2000.
- CAVALCANTE, Marianne C. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In:
- MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antonio C. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucena, 2004.
- CONTIJO, Silvana. **O livro de ouro da comunicação**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005.
- FARIA, M. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1996.
- FERREIRO, Dalmir. **O livro, esse estranho amigo**. Jornal A Tribuna, 29/10/2003. Disponível em: http://www.ufac.br/informativos/ufac_imprensa/2003/10out_2003/artigo985.html Acesso em: 12/02/05.
- FREIRE, Fernanda M. **O trabalho com a escrita**: a produção de hqs eletrônicas. XIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (SBIE), UNISINOS, 2002. pp. 310-318.
- FURLAN, Sueli A. **A Geografia na sala de aula**: a importância dos materiais didáticos. Brasília: MEC/Seed, 2002.
- GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da História**: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990). Bauru: EDUSC; Uberlândia: EDUFU, 2004.
- KENSI, Vani M. Múltiplas linguagens na escola. In: ENDIPE. **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. pp. 123-140.
- LEVY, Pierre. **O que é virtual?**São Paulo: Editora 34, 2003.
- MASETTO, Marcos; MORAN, José; BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

- MEC. **Cadernos da TV Escola, Livros etc...** Brasília: MEC/Seed, 1996.
- MELLO Jr. José de. A evolução do livro e da leitura. **Revista Editor**. Ano 2, nº 8. Fevereiro/Março 2000.
- MERCADO, Luís P. (org). **Novas tecnologias na educação**: reflexões sobre a prática. Maceió: Inep/Edufal, 2002.
- MERCADO, Luís P. Aprendizagem por projetos com tecnologias. In: _____ (org). **Tendências na utilização das tecnologias da informação e comunicação na educação**. Maceió: Edufal, 2004. p. 51-69.
- MERCADO, Luís P. As aventuras de Marco Pólo: uma viagem na Rota da Seda. In: _____; VIANA, Maria A. (orgs). **Projetos utilizando Internet**: a metodologia Webquest na prática. Maceió: Marista, 2004. p. 275-279.
- PAN, Maria Claudia de Oliveira. **Leitura e suporte digital**: desafio para a EAD. Florianópolis, 12. Congresso Internacional da ABED, 2005.
- PEREZ, Adoracion; SERRANO, Jordi; ENRECH, Marta; SOLER, Nuria. **Bibliotecas y centros de documentación virtuales en la nueva era de la sociedad de la información**: la biblioteca virtual de la UOC. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/obref/formacion_virtual/edicion_digital/perez.htm Acesso em: 12.11.01.
- PEREZ, Dora. **La biblioteca digital**. Disponível em: http://www.uoc.es/web/esp/articles/La_biblioteca_digital.htm. Acesso: 24/03/02.
- PINSKY, Jaime. **Leitura e (é) inclusão social**. Folha de São Paulo, 28/11/03.
- RAMAL, Andréa C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ROCCO, M. **Viagens de Leitura**. Brasília: MEC/Seed, 1996.
- ROCHA, Ruth; ROTH, Otávio. **A história do livro**. São Paulo, 2005.
- SERPA, Dagmar; ALENCAR, Marcelo. As boas lições que aparecem nos gibis. São Paulo, **Revista Nova Escola**, Abril, Abril 1998. p. 10-19.
- SOARES, Magda. **Letrar é mais que alfabetizar** Jornal do Brasil. 26/11/2000. Disponível em: <<http://interoox.nce.ufrj.br/~edpaes/magda.htm>> Acesso em 12/02/05.
- STANTON, Michael. **As bibliotecas no tempo da Internet**. Disponível em: <http://www5.estadao.com.br/tecnologia/coluna/stanton/2001/mai/29/106.htm> Acesso em: 02.07.01.
- XAVIER, Antonio C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz A; _____. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucena. 2004.
- YUNES, E; PONDE, G.. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1989.
- ZATZ, L. **Aventura da Escrita**: história do desenho que virou letra. São Paulo: Moderna, 1995.

Créditos



INÍCIO DO MÓDULO MATERIAL IMPRESSO



Luiz Inácio Lula da Silva

Presidente da República

Fernando Haddad

Ministro da Educação

Henrique Paim

Secretário-Executivo

Ronaldo Mota

Secretário de Educação a Distância

Equipe Técnica do MEC

Leila Lopes de Medeiros

Diretora de Produção e Capacitação de Programas em EAD

Francesca Vilardo Lóes

Coordenadora-Geral de Capacitação e Formação em EAD

Alexandre Mathias Pedro
Angela Maria Martins
Francisco Roberto Vasconcelos Lima
Jovanka Sadeck
Mathias Gonzalez Souza
Ronara de Castro Azevedo Alcântara
Stela Fontes Ferreira da Cunha
Vanessa Azevedo da Silva

Módulo Material Impresso:



Luis Paulo Leopoldo Mercado - lpm@fapeal.br

<http://www.cedu.ufal.br/projetos/Forprod>

Professor Associado I da Universidade Federal de Alagoas. Doutor em Educação (PUCSP). Coordenador de Ações de Capacitação em EAD da UFAL. Coordenador da Mídia Material Impresso do Programa de Formação Continuada em Mídias na Educação da Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação. Líder do Grupo de Pesquisa em Formação de Professores na Internet utilizando EAD. Possui livros publicados na área das TIC e EAD.

Equipe de Produção Gráfica



Fábio Paraguaçu

Coordenador Geral e especialista em Design da Interação. Pós-doutorado em Informática pelo Laboratoire d'Informatique de Robotique et de Microélectronique de Montpellier, França. Atualmente é Professor do Instituto de Computação da Universidade Federal de Alagoas. Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos da Web (New). Editor de Livros de Circulação Internacional e autor de trabalhos nacionais e internacionais na área de Ambientes Interativos de Aprendizagem utilizando o Computador e Educação a Distância.

Everson Alves da Silva - Analista de conhecimento

Elder Ferreira de Araújo Lima - Designer Gráfico

Thiago Alves da Silva - Designer Gráfico

Produção de Vídeos

Cícero Júnior - Câmera

Jackson Marques - Operador de Áudio
Marcos Júnior - Operador de Caracteres
Muca Junior - Computação Gráfica

Produção - **Luciano Pradines**
Kromos Filmes

Secretaria de
Educação a Distância

Ministério
da Educação

